

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Leila Dahia

Práticas de comunicação dos loucos leitores: uma abordagem a
partir de Lima Barreto

Rio de Janeiro

2014

Leila Dahia

Práticas de comunicação dos loucos leitores: uma abordagem a
partir de Lima Barreto

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Comunicação e Cultura, Escola de
Comunicação, Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa

Rio de Janeiro

2014

CIP - Catalogação na Publicação

D129p Dahia, Leila
Práticas de comunicação dos loucos leitores:
uma abordagem a partir de Lima Barreto / Leila
Dahia. -- Rio de Janeiro, 2014.
120 f.

Orientadora: Marialva Carlos Barbosa.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, 2014.

1. Lima Barreto. 2. Comunicação. 3. Leitores.
4. Loucura. 5. Práticas de Leitura. I. Barbosa,
Marialva Carlos, orient. II. Título.

Leila Dahia

Práticas de comunicação dos loucos leitores: uma abordagem a
partir de Lima Barreto

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Aprovada em 30/09/2014.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa – UFRJ (orientadora)

Profa. Dra. Leticia Cantarela Matheus – UERJ

Prof. Doutor Igor Sacramento – UFRJ

Para Edmond, meu pai, com amor e saudades...
Para Victor, meu filho, meu amor, minha inspiração, minha motivação...

AGRADECIMENTOS

Deus em primeiro lugar. Creio que tudo na vida tem um sentido e nada acontece por acaso.

Gostaria de agradecer a Eliane, um anjo que apareceu na minha vida, incentivando e ajudando na retomada do projeto de mestrado, um sonho esquecido e quase perdido, após tantos anos adormecido.

A Coordenadora da Pós-Graduação da ECO, Profa. Ana Paula, que, com extrema sensibilidade e generosidade, permitiu o retorno.

Agradeço imensamente a minha orientadora, Profa. Marialva, que aceitou prontamente o desafio de me orientar, com paciência, mostrando os caminhos da pesquisa. Serei eternamente grata.

Agradeço também aos funcionários da secretaria da Pós-Graduação da ECO, em especial, a Jorgina, sempre com paciência, sorriso no rosto, abraço acolhedor e palavras positivas nos momentos difíceis.

Aos professores Igor e Letícia por aceitarem prontamente participar da minha banca.

Agradeço também a coordenadora e as amigas do SiBI, em especial a Eneida, pelo apoio, carinho e muita paciência, nas horas boas e nas horas não tão boas assim.

Aos amigos queridos da Biblioteca da FACHA: Arlete, Ilma, Vitor, Maria pela ajuda no levantamento bibliográfico e pelo espaço de paz para os estudos.

Este trabalho não seria possível sem o apoio da minha família, em especial do meu companheiro, sempre com bom humor, compreensão e acima de tudo, muito amor. E do meu filho, mesmo em silêncio, de um jeito próprio, particular, me fez companhia em muitas madrugadas. Sem saber, foi e é a minha força motriz, minha inspiração, para a conclusão desta etapa tão importante e necessária da minha vida.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram de uma forma ou de outra, que não foram citadas aqui, porém, jamais esquecidas.

Cascas no Ser

Ando através da ilusão dos sentidos
O tempo é a ilusão dos sentidos
A matéria do corpo é a casca
Forma a serviço do tempo
Ilusão a serviço da ilusão

Eu ando, e olho, com sensibilidade,
mas inexpressão, os segredos dos olhos
e dos gestos, como se não pudesse lê-los
ou revelá-los

Pois a normalidade ganha força estética,
para que eu finja melhor,
e fingir é preciso,
por enquanto

Escrevo para lembrar o que matei em mim
e o que nasceu, ou regressou,
através de meu corpo,
mente e espírito

Morte é ilusão a serviço da realidade

Eu sou o que minhas limitações declaram;
Se não tivesse limitações, tudo e nada seria
Mas minha mente tem, como limitação,
apenas o tempo de sua existência aqui,
e, ainda assim, pode criar infinitos,
mesmo que não infinitamente

Um jogo da velha entre infinitos
sincrônicos e diacrônicos
subjugam virtualmente
a ditadura da causalidade

Um segundo transe...

Mergulho e renasço
até que o poder do insondável
machuque minha consciência
e, de silêncio, vista minha face
Abro e fecho os olhos, até que a dor
seja apenas mais um sentido
para enxergar o mundo
com olhos alegres

(*Victor Dahia, 2010*)

DAHIA, Leila. ***Práticas de comunicação dos loucos leitores***: uma abordagem a partir de Lima Barreto. Rio de Janeiro, 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

RESUMO

As práticas de comunicação dos loucos leitores, a partir das memórias de Lima Barreto, relatadas no seu *Diário do Hospício*, durante a sua internação no Hospício Nacional dos Alienados constituem o objeto desta pesquisa. O tema foi desenvolvido a partir da afirmação de que os loucos, os excluídos, marginalizados, encarcerados, também são leitores, das reflexões a respeito dos processos históricos de leitura realizados no passado e da compreensão de que o passado deixa escrito no presente traços, restos e rastros constituindo objeto de interpretação do pesquisador. Há um tipo de leitura específico que remete a processos de comunicação que são particulares daqueles que encarcerados são nomeados e hierarquizados como loucos. Para melhor compreensão e organização, os capítulos estão divididos da seguinte forma: o primeiro capítulo traça um paralelo entre a *História da Loucura* de Foucault e o *Diário do Hospício*, situando Lima Barreto no contexto da loucura, através das observações e questionamentos enquanto interno no Hospício. No segundo capítulo, apresenta os loucos leitores, identificando e classificando os loucos que compartilharam suas leituras com Lima Barreto. No capítulo três, tendo como base teórica Roger Chartier, no livro *Práticas da Leitura*, mostra e interpreta as materialidades das leituras dos loucos, extraídas das notícias dos jornais Correio da Manhã e Gazeta de Notícias. Por fim, apresenta a conclusão confirmando as questões inicialmente propostas.

Palavras-chave: Lima Barreto. Loucura. Comunicação. Leitores. Práticas de Leitura

DAHIA, Leila. ***Práticas de comunicação dos loucos leitores***: uma abordagem a partir de Lima Barreto. Rio de Janeiro, 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

ABSTRACT

Communication practices of mad readers, based on the memories of Lima Barreto, reported in his *Diário do Hospício* during his hospitalization at the National Asylum of Alienated are the subject of this research. The subject was developed from the statement that the mad, the excluded, marginalized, imprisoned, are also readers, the reflections on the historical processes of reading done in the past and understanding that the past show us traces in this writing, remains and traces constituting the object of interpretation by the researcher.

There is a specific kind of reading which refers to communication processes that are particular of those incarcerated are named and ranked as mad. For better understanding and organization, the chapters are divided as follows: The first chapter draws a parallel between Foucault's History of Madness and the *Diário do Hospício*, Lima Barreto standing in the context of madness, through observation and questioning while the internal Hospice. The second chapter presents the mad readers, identifying and classifying the mads who shared their readings with Lima Barreto. In chapter three, theoretical based on Roger Chartier, the book Practices of Reading, displays and interprets the materiality of mad's readings, drawn from the newspapers *Correio da Manhã* and *Gazeta de Notícias*. Finally, presents the conclusion confirming the issues initially proposed.

Key-words: Lima Barreto. Madness. Communication Processes. Readers.
Practices of Reading

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 - Anúncio do médico Henrique Roxo <i>Correio da Manhã</i> , 01 jan. 1920	44
Figura 2 - Uma Revolta no Hospício <i>Correio da Manhã</i> , 28 jan. 1920	83
Figura 3 - Nota sobre a revolta <i>Correio da Manhã</i> , 30 jan. 1920	88
Figura 4 - A tragédia da Rua da Lapa <i>Correio da Manhã</i> , 14 jan. 1920	91
Figura 5 - "Allucinação fatal" <i>Gazeta de Notícias</i> , 17 jan.1920	96
Quadro I - Os loucos do <i>Diário do Hospício</i>	49-51
Quadro II - Quem lia, o que lia, como lia?	66-68

SUMÁRIO

	LISTA DE FIGURAS E QUADROS	10
	INTRODUÇÃO	12
1.	LIMA BARRETO: O LOUCO NO HOSPÍCIO	22
1.1	MEMÓRIA DA LOUCURA	24
1.2	EM TORNO DA LOUCURA	38
2.	DIÁRIO DOS LOUCOS	46
2.1	QUEM SÃO OS LEITORES	48
2.2	LUGARES E PRÁTICAS DE LEITURA	58
3.	LEITURA DOS LOUCOS LEITORES	77
3.1	A REVOLTA NO HOSPÍCIO	81
3.2	LENDO OS “CRIMES DE SENSAÇÃO”	89
4.	CONCLUSÃO	100
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
	ANEXOS	115

INTRODUÇÃO

“Nenhuma relação social faz mais sentido, tudo parece criado para pessoas repletas de faltas.

As leis não conseguem compreender estereótipos independentes. Cada vontade abarca o desejo de ser violento, a aparente necessidade de ter suas satisfações impostas.

Uma guerra contínua para adquirir espaço.

Uma rede irregular, em que somos focos inteligentes de dominação. Talvez como lagos, em que cada vez que obtivéssemos energia, através de alimento e sono e dinheiro (pedras pequenas lançadas), nos víssemos obrigados a gerar ondas por todos os lados, obrigados a sobrepor essas ondas a qualquer possibilidade mínima de outra onda ser maior.

Oprimimo-nos antes que a guerra se torne perceptível.

Minha liberdade só é triste por eu possuir compaixão, por eu saber que há pessoas, mais próximas, que acreditam depender de mim: familiares.

Mas vejo tantas outras pessoas projetando a solução para suas faltas em uma ou outra qualidade que possuo...

Eu sofro quando animais são mortos, quando uns e outros são realmente injustiçados, e quando me percebo novamente dentro dessa sansara.

Mas descobri o revezamento, entre vivenciar aquilo que o Tao me revelou como Verdade, e aquilo que a realidade me impõe.

Você, que acredita em Deus, imagine perceber os "sinais" sempre que quisesse!

Seria obrigado a revezar entre a interpretação deles e o convívio social...”.

Victor Dahia, 2009

Porque a questão da loucura ou, mais especificamente, a dimensão da existência de loucos leitores no início do século, momento de transformações na imprensa e que na concepção de alguns autores teria iniciado o longo processo

de construção da ideia de modernidade na imprensa brasileira, pode ser tema de uma dissertação de mestrado na área de Comunicação?

Se tentar interpretar os processos que estão envolvidos nas práticas de leitura parece ter claras conexões com as discussões teóricas da área¹, a reflexão sobre a loucura envolve um sistema de classificações, representações e nomeações que aproximam ainda mais a temática do campo da comunicação. Os estudos de Michel Foucault (1987) sobre o tema mostrando a dimensão disciplinar existente na construção da loucura no Ocidente deixam mais do que evidente a relação entre comunicação e as apropriações históricas e qualificações em torno da loucura.

Embora essa possa ser uma justificativa de caráter teórico e metodológico para a escolha do tema, na verdade, foram motivações de caráter pessoal que determinaram o redirecionamento da temática dessa pesquisa, quando me foi dada a oportunidade de concluir o curso de Mestrado, iniciado ainda na década de 2000 e abandonado por muitos anos.

A rigor, meu interesse pelo tema surgiu a partir da constatação de que a “loucura”, de uma forma ou de outra, sempre acompanhou a maior parte da minha existência.

Há alguns anos, o meu filho, adolescente, iniciando a faculdade e a vida profissional, com um futuro brilhante e promissor pela frente, teve um surto psicótico² com graves consequências. No início, não entendia bem o que estava acontecendo. Mudanças no comportamento marcadas ora por depressão, ora por euforia e agressividade, foram atribuídas a um período turbulento, tenso, considerado normal na vida de qualquer jovem de 18 anos. Na faculdade se destacava, cursava matérias dos dois primeiros períodos. No trabalho, já sentia

¹ CHARTIER, Roger (dir.) *Práticas da leitura*. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

² Psicose é o termo aplicado para o estado mental em que a pessoa perde suas conexões com a realidade do mundo exterior. (...) A psicose deve ser entendida mais como uma síndrome, caracterizada principalmente pela ocorrência de delírios e alucinações. É nesse momento que o indivíduo perde a sua capacidade de julgamento da realidade, passando a acreditar mais nas suas experiências internas no que na realidade externa. (PALMEIRA, 2012, p.73)

a pressão do ambiente competitivo e no universo pessoal, aconteceram as primeiras decepções amorosas.

A sua visão do mundo, ou melhor, sua leitura do mundo já o diferenciava dos demais colegas da sua idade, do seu ciclo social. Era e ainda é uma visão própria, carregada de fantasia, misticismo e crenças independente de uma religião específica. A sensibilidade extrema, as angústias e sentimentos do artista sempre estiveram presentes na sua produção literária: nos contos, poesias, letras e composições musicais. O discurso e a escrita possuem uma lógica pessoal, desconectados da realidade tal qual a conhecemos, fragmentados, pois é um conjunto de ideias, representadas fora do padrão social, com novas possibilidades independentes. Para ele, existe um “mundo paralelo”, alternativo, diferente do que chamamos de “normal”. Existem também pessoas ou seres que se projetam em outras dimensões e os sinais dessa existência estão em toda parte: nas estrelas, nos pombos, na internet pelo *twitter*, nos seriados da televisão, na iluminação oscilante da rua e de casa, nos sons e vozes, estabelecendo uma comunicação constante, com mensagens das mais variadas formas, vindas de todos os meios possíveis, direcionadas a ele e interpretadas por ele como verdade absoluta, sem questionamentos, acatadas e cumpridas como ordens, exigindo condutas específicas, lançando desafios e provas. Por outro lado, a comunicação acontece, para confirmar as ideias. Tudo gira em torno de uma comunicação própria, onde os sinais são o meio.

Ele se refugia nesse mundo, no delírio³, nas alucinações⁴. É o mundo ideal, inexplicável, inesgotável, confortável, protegido, compreendido só por iguais.

³ Segundo consta na edição mais atual do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, 5. ed. 2013, delírio é definido como: "Uma falsa crença baseada em inferência incorreta sobre a realidade externa que é sustentada com firmeza apesar das crenças da quase totalidade das pessoas e apesar do que se constitui em prova incontroversa e óbvia de evidência em contrário. A crença não é aceita ordinariamente pelos outros membros da cultura ou subcultura da pessoa (por exemplo, não é uma questão de fé religiosa)."

⁴ Falsas percepções de objetos inexistentes e que possuem as mesmas características das percepções reais. Ou seja, o paciente tem a clara percepção de um objeto (p.ex. uma voz ou uma imagem), sem que

A reabertura da matrícula do mestrado em meados de 2013 coincidiu com mais um surto do meu filho e a sua primeira internação, forçando necessariamente a um diagnóstico, que é sempre definitivo, carregado de estigma, uma sentença final. A loucura como tema toma força nesse momento na medida em que o meu envolvimento pessoal e emocional é total com o assunto.

A busca por informações e a necessidade urgente de compreender e desvendar o que estava acontecendo me levaram as mais variadas leituras, dentre elas, o “*Diário do Hospício*” de Lima Barreto. Como servidora, bibliotecária da UFRJ, lotada no S/BI, Sistema de Bibliotecas e Informação na Praia Vermelha, trabalho no Palácio Universitário, atualmente funcionando o Fórum de Ciência e Cultura, em uma das salas do antigo Hospício Nacional dos Alienados⁵.

Os relatos da segunda internação de Lima Barreto, através do livro⁶, tornaram-se objeto de estudo no meio acadêmico, sobretudo na área de Letras e História. Entre esses autores há, entretanto, reflexões que produzem aproximações da análise dos textos construídos por Lima Barreto com questões que dizem respeito mais de perto ao campo da comunicação. Na área de Letras se destacam, sobretudo, trabalhos que analisam ora a produção da literatura de Lima Barreto, seja na condição de louco-escritor ou de literato, sejam aquelas que procuram estabelecer relações entre as transformações urbanas no início do século XX e a sua produção textual.

Em relação aos autores que estabelecem nexos entre a produção do autor e sua condição de louco se destaca o trabalho de Luciana Hidalgo (2008) que

ele de fato exista. (...) as alucinações não podem ser alteradas pela nossa vontade. (PALMEIRA, 2012, p.116)

⁵ Hospício de Pedro II: Funcionou por 92 anos até sua extinção em 1944. Até o início de 1948, o destino do Palácio era incerto. Abandonado e em ruínas, esteve a ponto de ser demolido, mas foi tombado pelo Patrimônio Histórico e doado a Universidade do Brasil.

⁶ BARRETO, Lima. *Diário do hospício*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

analisa a produção literária de Lima Barreto na condição de louco, confinado no hospício por conta dos delírios causados pelo alcoolismo. Para isso, a autora constrói o conceito “literatura de urgência – uma narrativa-limite escrita em estado emergencial.”

Já Daniella Ferreira (2012) em sua dissertação procura destacar o cotidiano da loucura, a partir de uma análise detalhada da construção do *Diário do Hospício* e de *O cemitério dos vivos*. Durante o seu trajeto pelo hospício, Lima Barreto remonta aspectos marcantes da sociedade brasileira da Primeira República e utiliza a literatura como um projeto militante.

Na mesma perspectiva, mas destacando as relações de poder que estão envolvidas na qualificação e classificação da loucura, Karine Sá Antunes Rodrigues (2004) a partir dos aportes teóricos de Michel Foucault procura desvendar o sistema médico brasileiro do final do século XIX em relação à produção da loucura.

Monique Lopes Inocêncio (2010) em sua dissertação faz uma leitura interpretativa dos textos do *Diário do hospício* - relato das experiências vividas pelo autor e demais internos da instituição e *O cemitério dos vivos* - romance inacabado, a partir da hipótese de que as relações pessoais e os conflitos identificados por Lima Barreto no Hospício revelam a percepção que o autor tinha da sociedade brasileira como um todo, como se o ambiente hospitalar funcionasse para o narrador e autor como um microcosmo do país e suas muitas contradições.

As relações de poder e a memória coletiva analisadas no espaço asilar do Hospício Nacional de Alienados, na cidade do Rio de Janeiro, da passagem dos séculos XIX-XX, constituem o objeto de pesquisa de Frederico Costa dos Santos (2010). Esta dissertação foi desenvolvida colocando em relevo o contexto histórico caracterizado por ações municipais de reforma no espaço urbano da capital federal. Elas estiveram relacionadas ao conjunto de ideias baseadas na nova mentalidade, que julgava como fundamental o controle social.

Nádia M. W. Santos (2005) em sua tese revisita a história da psiquiatria brasileira nas primeiras três décadas do século XX, cruzando com a vida e obra de três autores, dentre eles Lima Barreto. São analisados textos que versam sobre a loucura e internações. Ele conta a sua história, ele expressa a sua sensibilidade sobre a doença, através do que ela chama “escritos de si”.

Wanély Aires de Sousa (2012) em sua dissertação apresentada no Curso de Letras, intitulada “Autobiografia e ficcionalidade em o Diário do Hospício e O Cemitério dos Vivos”, analisa as duas obras de Lima Barreto que, segundo a própria autora, “são obras pouco conhecidas no meio acadêmico...”. Por considerar os textos de Lima Barreto enigmáticos, a autora vai aprofundando suas observações e procura responder a seguinte questão: “(...) de que maneira a loucura inscreve nesses discursos a intencionalidade estética do autor (...)?”

Entretanto, no que se refere especificamente à relação entre loucura e práticas de comunicação, sobretudo, às práticas de leitura são escassas as reflexões sobre o tema.

Ainda que nos últimos dez anos tenham se adensado as pesquisas em torno das práticas de leitura como um subcampo⁷ profícuo na área de comunicação, se constituindo também num universo sobre o qual se debruçam os que estudam os processos históricos dos meios de comunicação (BARBOSA, 2013), essa relação mais intrínseca entre leitura (e suas práticas) e loucura parece ser um campo fértil para múltiplas reflexões.

Por outro lado, ao ter como tema a loucura dos loucos leitores, procurando visualizar nos próprios índices narrativos presentes na obra de Lima Barreto, nas suas descrições, nas ambiências que viveu e produziu textos como ecos que do passado chegam até o presente, essa dissertação se insere nos pressupostos

⁷ No livro “Práticas da leitura”, organizado por Roger Chartier, são discutidos diversos aspectos da leitura enquanto prática cultural, tanto no passado quanto no presente. Segundo Alcir Pécora na introdução à edição brasileira, “o campo da história das práticas da escrita avança por três direções distintas”, a saber: a primeira refere-se a atitudes antigas das práticas do ato ler, estabelecendo protocolos de leitura e edição, encontraremos o leitor ideal; a segunda refere-se às apropriações imprevisíveis do texto pelo leitor e seus modos de ler; e a terceira, os múltiplos empregos do termo “leitura” na história da leitura.

de construção de pesquisas históricas na área da comunicação, ainda que por um viés específico.

Assim, essa dissertação dialoga diretamente com reflexões que se ocupam dos processos históricos de leitura realizados no passado, a partir da compreensão de que o passado deixa escrito no presente traços, restos e rastros que podem ser objeto da interpretação do pesquisador (BARBOSA, 2010). Procura, em primeiro lugar, interpretar o processo de comunicação dos “loucos”, através da leitura que eles realizavam, sobretudo dos jornais. Para a compreensão das suas práticas de comunicação, utilizaremos as memórias produzidas e fixadas em suportes duradouros, no caso específico as memórias de Lima Barreto transfiguradas sob a forma literária no seu *Diário do Hospício* (2010). E, por último, estabeleceremos uma tipologia dos loucos leitores e suas práticas de leitura no hospício, também a partir dos relatos de Lima Barreto.

Lima Barreto não se distanciou um só momento da leitura de livros e jornais durante a sua internação. São inúmeras referências ao hábito de leitura no seu *Diário do Hospício*. As frequentes visitas a biblioteca também são citadas no livro. A leitura de jornais no hospício é uma necessidade implacável de contato com a realidade.

Esse trabalho tem, portanto, como pressuposto e questão fundamental que as práticas de leitura se conformam às realidades construídas e imaginadas por aqueles que realizam o ato de ler. Na nossa suposição, há um tipo de leitura específico que remete a processos de comunicação que são particulares daqueles que encarcerados são nomeados e hierarquizados como loucos.

A partir da concepção de que só é possível pensar um processo de comunicação na sua dimensão histórica se incluirmos na reflexão a forma como o leitor se apropriava das mensagens, mesmo no seu delírio momentâneo, podemos supor que o leitor existente nas marcas do texto dos autores pode ser reconstruído (BARBOSA, 2010). Assim, nos aventuramos a dizer que existiam tipos diferentes de leituras dos loucos, a partir da materialidade do que liam (jornais, revistas, livros), mas também a partir dos significados que atribuíam ao ato de ler.

Nesse sentido não há, na nossa hipótese, apenas a leitura dos loucos, mas leituras plurais, realizadas de múltiplas formas, em diversas processualidades. E são essas formas e processualidades que procuraremos descrever e entender.

A presente dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro intitulado “Lima Barreto: o louco no hospício” procuraremos situar Lima Barreto, através do seu relato, enquanto interno no asilo de alienados, o Hospício Nacional de Alienados, sua condição de louco, a partir da sua internação ocorrida em dezembro de 1919 até fevereiro de 1920.

No primeiro capítulo será abordado também o conceito de loucura. As observações e questionamentos a respeito da loucura, relatados no *Diário do Hospício* serão articulados aos conceitos de Foucault, em “*História da loucura*”.

Ainda neste capítulo analisaremos a psiquiatria na época de Lima Barreto, descrita pelo próprio Lima Barreto e a sua visão particular da doença mental. De um modo geral, Lima Barreto enxergava com bastante desconfiança a instituição hospitalar psiquiátrica, os médicos e suas práticas científicas e os fundamentos da Psiquiatria.

No segundo capítulo, denominado “Diário da Loucura” serão apresentados, os leitores loucos, ou loucos leitores, também descritos no *Diário do Hospício*. Esses loucos, classificados como alienados, excluídos, marginalizados, estarão aqui identificados, através dos relatos de Lima Barreto. Lima Barreto descreveu várias figuras com quem compartilhou sua permanência e leituras:

Estou entre mais de uma centena de homens, entre os quais passo como um ser estranho. Não será bem isso, pois vejo bem que são meus semelhantes. Eu passo e perpasso por eles como um ser vivente entre sombras – mas que sombras, que espíritos?! As que cercavam Dante tinham em comum o *stock* de ideias indispensável para compreendê-lo; estas não têm mais um para me compreender, parecendo que têm um outro diferente, se tiverem algum. (LIMA BARRETO, 2010, p.59)

Já no último capítulo denominado “Leitura dos loucos leitores” faremos um exercício interpretativo de tentar recuperar as apropriações que os loucos leitores faziam das notícias que chegavam às suas mãos⁸. Seleccionamos, analisamos e colocamos em confronto, primeiramente, as notícias da rebelião que ocorreu no Hospital dos Alienados em janeiro de 1920 e que foi descrita por Lima Barreto no seu *Diário*. Também seleccionamos para este exercício uma nota sobre um suicídio de um interno ocorrido no mesmo período e, na sequência, uma notícia que fazia parte do cotidiano das publicações mais populares naquele momento: as chamadas notas sensacionais (BARBOSA, 2007).

Colocando em confronto a realidade imaginativa de Lima Barreto e as notícias que descreviam o que pretensamente poderia ter ocorrido nas dependências do Hospital, procuramos detectar aspectos narrativos que possam relacionar a imaginação criadora dos leitores com seu cotidiano. Por outro lado, a partir da escolha de uma notícia dos “crimes de sensação” que fazia parte das rotinas das leituras dos internos, procuraremos perceber no texto e a partir do texto as possíveis interpretações geradas pelos leitores e suas leituras. Partimos do pressuposto, portanto, que a interpretação do passado está submetida também aos parâmetros da “imaginação histórica” (BARBOSA e RIBEIRO, 2011)⁹.

Para o desenvolvimento da dissertação, destacamos textos de Michel Foucault para o suporte teórico do capítulo 1, sobretudo, a *História da loucura*, (1987), livro que apresenta não apenas o conceito, mas também uma arqueologia da história da loucura. A partir dessa base teórica conceitual procuramos traçar um paralelo com as passagens do *Diário do Hospício* para situar Lima Barreto no contexto da loucura, vivenciada e registrada pelo próprio

⁸ Sobre a questão da “apropriação” crítica realizada pelos leitores cf. CHARTIER (1990).

⁹ Ao fazer uma ampla reflexão sobre a relação Comunicação e História, Marialva Babosa e Ana Paula Goulart Ribeiro destacam a dificuldade de os estudos de comunicação desenvolverem a imaginação histórica, no sentido que Wright Mills (1982) atribuiu à imaginação sociológica, ou seja, uma imaginação que der conta do “complexo jogo que se processa entre os homens e a sociedade, a biografia e a história, o eu e o mundo” (BARBOSA e RIBEIRO, 2011, p, 18)

autor. Nos demais capítulos, a questão das práticas das leituras constitui a base teórica principal.

Por último, gostaria de apresentar nessa introdução os limites a que está submetido esse trabalho. Os percalços da vida durante todo o tempo que me dediquei a escrever essa dissertação colocaram também nela a marca da lacuna. Tenho absoluta consciência das fraquezas teóricas expostas, das articulações da teoria com a empiria, dos meus limites, em função de estar há anos afastada das reflexões mais densas que envolve o dia-a-dia do pesquisador. Entretanto, pelo afeto, pelo envolvimento com o tema, pela força tirada da dor cotidiana procurei tão somente refletir sobre um tema que certamente será melhor explorado por outro pesquisador que procure ver sentido em práticas de comunicação de pessoas que são aprioristicamente colocadas a margem do mundo social.

1. LIMA BARRETO: O LOUCO NO HOSPÍCIO

Tal é a pior loucura do homem: não reconhece a miséria em que está encerrado, a fraqueza que o impede de aproximar-se do verdadeiro e do bom; não saber que parte da loucura é sua. Recusar esse desatino que é o próprio signo de sua condição é privar-se para sempre do uso razoável de sua razão. Pois se existe razão, é justamente na aceitação desse círculo contínuo da sabedoria e da loucura, é na clara consciência de sua reciprocidade e de sua impossível partilha. A verdadeira razão não está isenta de todo compromisso com a loucura; pelo contrário, ela tem mesmo de tomar os caminhos que esta lhe traça. (FOUCAULT, 1987, p. 33)

A epígrafe que inicia esse capítulo, uma citação de Michel de Foucault, que coloca em destaque a dualidade entre loucura e razão, faz parte das complexas reflexões do filósofo sobre a constituição do homem como sujeito e objeto privilegiado do saber como uma invenção histórica demarcada pela constituição de instituições de poder/saber, na qual o discurso sobre a loucura é apenas um deles. Foucault afirmava que o homem, como sujeito e objeto do saber, é uma invenção recente e que desaparecerá ao ser transcendida a estrutura do discurso contemporâneo.

Nesse sentido para ele o aparecimento do homem teria se dado no e pelo discurso, ou seja, no e pelo discurso das múltiplas ciências, constituídas como humanas, o sujeito surge caracterizado na epistême moderna, ou seja, como um fato entre outros a ser estudado empiricamente e proporcionando a base de todo o conhecimento. Além disso, esse homem objeto e sujeito do saber se caracterizaria como algo cercado pelo desconhecido, mas também como fonte lúcida, potencial e universal do conhecimento e, finalmente, como produto da história, mas também fonte e funcionamento da mesma história (FOUCAULT, 1982).

Neste capítulo, inicialmente, apresentamos um breve relato da vida de Lima Barreto. O foco é a loucura. É o agravamento da doença e a sua internação. Fazemos, também, um paralelo entre o desenvolvimento da loucura de Lima Barreto e os conceitos estabelecidos por Foucault. Ao longo do capítulo, o ambiente de loucura do hospício relatado no *Diário* será revelado. A ambientação é necessária para entendermos as questões vivenciadas pelos internos e de que forma o ambiente interferirá nas práticas de leitura dos loucos leitores.

A epígrafe usada como abertura do capítulo mostra também que os limites entre a definição de razão e a de loucura na percepção de Foucault estão exatamente em não considerar os lugares definidores do si como fixos e intransponíveis. Loucura e razão não são lugares definidos aprioristicamente, mas construções capazes de situar os indivíduos em mundos desejados pelas normas produzidas socialmente. Assim, o trânsito entre sabedoria e loucura tão bem descrito por Foucault pode ser considerado como uma epígrafe da construção do ser social Lima Barreto.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em treze de maio de 1881, numa sexta-feira, no bairro das Laranjeiras, cidade do Rio de Janeiro. Morreu na mesma cidade a primeiro de novembro de 1922, aos 41 anos, de colapso cardíaco, um dia antes da morte do seu pai, de quem cuidou até o final. Mestiço de nascença, filho de João Henriques de Lima Barreto, tipógrafo da Imprensa Nacional e de Amália Augusta Pereiras de Carvalho, professora pública. Aos seis anos de idade, em 1887, perdeu a sua mãe, vítima de tuberculose.

Sua vida não foi nada fácil. Em 1897 entrou para a Escola Politécnica, no curso de Engenharia. Em 1890, seu pai foi exonerado do cargo por divergências políticas. Por ser o irmão mais velho e também por ter sido reprovado diversas vezes em Mecânica, abandonou o curso para assumir a chefia e o sustento da família. Devido ao enlouquecimento, em 1903, João Henriques, pai de Lima Barreto é aposentado compulsoriamente do cargo de almoxarife da Colônia de Alienados da Ilha do Governador.

1.1 MEMÓRIA DA LOUCURA

O *Diário do Hospício* (2010), escrito a partir da experiência de Lima Barreto no Hospital dos Alienados, no Rio de Janeiro, durante sua segunda internação no manicômio, pode ser considerado um livro de fixação da memória de si de Lima Barreto em torno de uma vida que se esvaia da consciência. Através da escrita procurava fixar uma memória duradoura, como que fazendo um gesto para se livrar da alucinação que turvava sua vida.

Nesse sentido, o *Diário* é um livro de memória, mas não uma memória do passado, mas de um presente que não passa. A memória de si que produz se mistura com a visão de outros personagens que naquele presente estendido compõem o único cenário memorável.

A complexa questão da memória coloca em evidência não apenas a discussão sobre o estatuto da memória como sendo social ou individual, como sendo sempre posicionada, como sendo constituidora também de uma memória histórica. Há nas reflexões sobre a questão a dimensão de que é ela, a memória, a abertura mais fundamental em relação ao passado, e da fundamental dialética entre memória e esquecimento (RICOEUR, 2007).

É pela memória que pode ser identificado o passado, como restos que permaneceram durando nas formas de construção narrativas desse mesmo passado, mas também como imagem fixadora de uma lembrança do si mesmo. Através da memória, pode-se reconstruir a trajetória individual (o aniversário que vem a lembrança, a festa que marcou a existência, a tristeza duradoura num ponto fixado no outrora), resignificando-a no presente, mas também pode-se instituir mecanismos discursivos coerentes dos grupos, ou seja, uma memória social, que por vezes se transborda como memória histórica¹⁰.

¹⁰ Sobre a questão da memória cf. para a questão da memória social e para a característica presentista da memória HALBWACHS (1925); sobre a questão do lugar posicionado de onde se expressa a memória e seu caráter conflitivo (POLLACK, 1989 e 1992); sobre a questão da memória como compensação (CANDEAU, 1998); sobre a relação entre memória e esquecimento e sobre a proliferação de atos

A questão da memória enseja também reflexões sobre a fundamental relação entre passado, presente e futuro, ou seja, as materialidades discursivas de uma apropriação temporal que possui marcas também da forma como se vivencia o tempo em momentos históricos específicos (BARBOSA, 2007^a).

No Diário de Lima Barreto, as marcas do tempo são apresentadas numa espécie de delírio do presente. Ainda que seja possível localizar que ele inicia sua narrativa com o fato encarceramento, não é possível localizar os meses e, sobretudo, o tempo em que ficou no hospício. Os dias, na sua descrição, se sobrepõem e passam não de maneira linear, vão e voltam, num presente que permanece durando.

Lima Barreto conheceu bem a loucura. Conviveu com a doença mental do seu pai, vítima de surtos psicóticos constantes. O primeiro surto é relatado no livro de Francisco de Assis Barbosa, em sua biografia “A vida de Lima Barreto”:

Logo após o jantar, foi deitar-se (...)Tudo parecia normal, sem surpresas. Não passaria pela cabeça de ninguém que a desgraça estivesse tão próxima. No meio da noite, porém. O silêncio da pequena casa do sítio Carico foi cortado bruscamente por gritos lancinantes que vinham do quarto de João Henriques. O almoxarife delirava. Por entre as frases desconexas que proferia, percebia-se que o pobre homem, alucinado, estava possuído pelo pavor de ser preso. Era a loucura!

- Não deixem a polícia entrar! Não deixem! – gritava e chorava, ao mesmo tempo.

(...) João Henriques continuava imerso e só via pela frente o delegado e os soldados de polícia, armados até os dentes, e todos queriam levá-lo de qualquer jeito para a cadeia. (BARBOSA, 2002).

memoráveis veja HAYSEN, 2000, entre outros. E para uma síntese reflexiva dos múltiplos autores que no século XX se ocuparam da questão cf. RICOUER, 2007.

Em 1903, Lima Barreto inicia suas atividades literárias na imprensa. A família muda-se para o subúrbio do Rio de Janeiro, Engenho de Dentro. Resolve candidatar-se a um cargo vago na Secretaria da Guerra, através de concurso público, tendo passado em segundo lugar e ocupado a vaga, por desistência do primeiro colocado, ainda em 1903.

Nesse mesmo ano, passa a residir com a família em Todos os Santos, em casa simples, conhecida como a “casa do louco”.

A partir daí a sua produção literária não parou. Considerado um dos mais importantes cronistas da vida carioca durante a República Velha, crítico social contundente, influenciou os modernistas de 1922. Sua obra, desprezada por muitos intelectuais, relata os costumes e as misérias do homem comum numa linguagem coloquial. Foi simpatizante do anarquismo e criticou o ufanismo e o nacionalismo.

A primeira internação psiquiátrica de Lima Barreto aconteceu em 27 de agosto de 1914 no Hospício Nacional dos Alienados, após um surto acompanhado de alucinações visuais, ideias persecutórias e agitação psicomotora. Foi conduzido ao hospício pelo próprio irmão, Carlindo Lima Barreto. A segunda internação, pelo mesmo motivo, ocorreu em 1916 e Lima Barreto foi levado para a Santa Casa de Ouro Fino.

Em 1919, aos 37 anos, novamente, o escritor carioca Lima Barreto foi recolhido às grades do Hospício Nacional dos Alienados, sob o diagnóstico de neurastênico e alcoólatra¹¹. A forma como ele descreve sua situação, demonstra claramente que ele sofria transtornos mentais graves, colocando a sua vida em constante risco:

(...) penetrei no pavilhão calmo, tranquilo, sem nenhum sintoma de loucura, embora toda a noite tivesse andando pelos subúrbios sem dinheiro, a procurar uma delegacia, a fim de queixar-me ao

¹¹ Segundo BARBOSA (2002), alguns anos antes de morrer, Lima Barreto percorria longas distâncias pelas ruas dos subúrbios cariocas, provavelmente bastante afetado pelo alcoolismo. Um andarilho, sem destino, em delírio.

delegado das coisas mais fantásticas que se possa imaginar. No começo, eu gritava, gesticulava, insultava, descompunha; dessa forma, vi-as familiarmente, como a coisa mais natural desse mundo. Só a minha agitação, uma frase ou outra desconexa, um gesto sem explicação denunciavam que eu não estava na minha razão. (LIMA BARRETO, 2010, p. 24)

Na descrição que o escritor faz de si mesmo no momento anterior a sua segunda internação no Hospital dos Alienados percebe-se que, a partir dos trabalhos de memória, lembra os movimentos do seu próprio corpo (gesticular, gritar, andar, etc.) e aspectos de sua construção discursiva (frases desconexas) que indicavam a ele mesmo que “não estava na minha razão”.

Na sua percepção memorável, ou seja, no que lembrava a *posteriori* do fato primordial que o levou a ser internado destacam-se aspectos que dizem respeito a uma concepção de normalidade por contraponto à anormalidade considerada pelos padrões médicos impostos naquela sociedade. A construção de regras sociais rígidas, no momento de ordenamento do espaço urbano, não permitia que personagens agitados, gritando e gesticulando fizessem parte da paisagem urbana. Portanto, era pela agitação e pelo que dizia que ele também percebeu, posteriormente, que não estava na sua razão e, portanto, podia ser enquadrado (e encarcerado) como louco.

Os delírios e surtos decorrentes do uso compulsivo do álcool o levaram ao manicômio. Percebemos imensa angústia na afirmação de Lima Barreto, uma tentativa de desvendar os motivos que o levaram ao vício.

Muitas causas influíram para que viesse a beber; mas, de todas elas, foi um sentimento ou pressentimento, um medo, sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica sempre presente. Adivinhava a morte de meu pai e eu sem dinheiro para enterrá-lo; previa moléstias com tratamento caro e eu sem recursos; amedrontava-me com uma demissão e eu sem fortes conhecimentos que me arranjassem colocação condigna com a minha instrução; e eu me aborrecia e procurava distrair-me, ficar na cidade, avançar pela noite adentro; e assim conheci o *chopp*,

o *whisky*, as noitadas, amanhecendo na casa deste ou daquele.
(LIMA BARRETO, 2010, p.35)

No início, certas atitudes vão dando pistas do que acontecerá. Bem devagar o pensamento, o comportamento vai se modificando. Os problemas materiais, as responsabilidades, as preocupações vão mudando a sua visão do mundo. A pressão, a essa altura, já é grande e a fuga é a bebida. Lima Barreto questionava a origem da própria loucura, não somente pelo alcoolismo, mas também como consequência de sentimentos vivenciados, as condições sociais e psicológicas: “houve quem perguntasse: bebemos porque já somos loucos ou ficamos loucos porque bebemos?” (p.128)

No *Diário do Hospício*, Lima Barreto revela uma visão de mundo bastante subjetiva. Questiona as “sentenças formais dos materialistas” e as “certezas da ciência”. Em vários momentos, demonstra uma “dolorosa angústia de viver” que o leva a pensamentos mais profundos e a uma vontade e necessidade de penetrar no mistério da sua alma e do universo.

Eu sou dado ao maravilhoso, ao fantástico, ao hipersensível; nunca, por mais que quisesse, pude ter uma concepção mecânica, rígida, do Universo e de nós mesmos. No último, no fim do homem e do mundo, há mistérios e eu creio neles. (LIMA BARRETO, 2010, p.64)

No livro *História da loucura*, Foucault (1987) cita Erasmo, explicando a loucura como uma fraqueza humana: “É que, de um modo geral, a loucura não está ligada ao mundo e as suas formas subterrâneas, mas sim ao homem, a suas fraquezas, seus sonhos e suas ilusões.”

Mas a questão é o que é a loucura? Quais os limites da loucura?

A loucura torna-se uma forma relativa à razão ou melhor, loucura e razão entram numa relação eternamente reversível que faz com que toda loucura tenha a sua razão que a julga e controla, e toda razão sua loucura na qual ela encontra sua verdade irrisória. Cada uma é a medida da outra, e nesse movimento de referência

recíproca elas se recusam, mas uma fundamenta a outra.
(FOUCAULT, 1987, p.30)

Preocupando-se na sua obra apresentar os discursos e suas reconfigurações ao longo da história que procuraram classificar a loucura, Foucault localiza a partir daí os deslocamentos de poder e mecanismos de controle que emergiam das próprias produções discursivas. Apresenta, portanto, o contexto prático-discursivo da loucura e os poderes-saberes que são edificados ao longo do tempo sobre a questão.

A partir dos dispositivos de controle e do exercício de poder – que vão sendo revelados na genealogia da loucura proposta por Foucault -, as formações e enunciados discursivos, que aprisionam de maneira diversa a noção de loucura ao longo do tempo, se deixam ver e podem ser desveladas.

Desde o seu nascimento, a vida de Lima Barreto foi marcada por sucessivas tragédias. A morte da sua mãe, quando ainda era muito criança, deixou sequelas na sua alma: havia tristeza e solidão. A ausência da figura materna, do amor da primeira mulher, causara danos profundos no sensível escritor:

Entretanto, nestes últimos dez anos, rara vez eu vinha ver o mar. Vivia numa cidade marítima, sem ir vê-lo nem contemplá-lo. Atolava-me na bebida, no desgosto e na apreensão... Pensava bem em morrer, mas me faltavam forças para buscar a morte.
(LIMA BARRETO, 2010, p.103)

A literatura foi a saída para exorcizar seus demônios, medos, frustrações, recalques. Na impossibilidade de resolver todas as questões do mundo que o afligiam, a fuga era a escrita, alternada com a bebida. Ele nasceu condenado. Encarcerado na loucura do mundo, marginalizado pela sua cor. É tomado por sentimentos conflitantes de angústia, frustração, decepção, rejeição e dor. A sua casa, a vizinhança, o trabalho, tudo o aborrecia. Os delírios do pai e as dívidas o consumiam e a bebedeira era a fuga. Se o delírio, a loucura é uma predisposição, a droga, a bebida, o vício, é o caminho de libertação:

Todos os eventos da alma que sejam um pouco violentos ou exageradamente intensos podem tornar-se, para a loucura, causas distantes: as paixões da alma, as contenções do espírito, os estudos forçados, as meditações profundas, a cólera, a tristeza, o temor, os pesares longos e pungentes, o amor desprezado...

Enfim, o mundo exterior, em suas variações ou excessos, em suas violências ou artifícios, pode facilmente provocar a loucura: (...) a vida em sociedade, (...) tudo o que aguça a imaginação. (FOUCAULT, 1987, p. 222)

A essa altura, a dependência do álcool comprometia cada vez mais a sua saúde e a sua carreira de escritor. Era nítida a sua decadência física e mental e segundo Barbosa (2002) um “pobre homem, viciado no álcool, que lhe consome não somente a saúde, como em grande parte lhe sacrifica a carreira de escritor”.

Não me preocupava com o meu corpo. Deixava crescer o cabelo, a barba, não me banhava a miúdo. Todo o dinheiro que apanhava bebia. Delirava de desespero e desesperança, eu não obteria nada. (LIMA BARRETO, 2010, p.64)

Encarcerado no hospício, Lima Barreto inicia suas anotações com tamanha lucidez, registrando assim sua condição de louco, marginal, anormal, retirado da sociedade pela polícia, aniquilado como sujeito. Em alguns momentos, carregado de extrema melancolia, diante da situação limite no hospício, relata suas profundas angústias diante da vida:

Queria matar em mim todo o desejo, aniquilar aos poucos a minha vida e sumir-me no todo universal. Esta passagem várias vezes no Hospício e outros hospitais deu-me não sei que dolorosa angústia de viver que me parece ser sem remédio a minha dor. Vejo a vida torva e sem saída. A minha aposentadoria dá-me uma migalha com que mal daria para viver. A minha pena só me pode dar escrevendo banalidades para revistas de segunda ordem. Eu me envergonho e me aborreço de empregar, na minha idade, a

minha inteligência em tais futilidades. Ainda tenho alguma verve para a tarefa do dia a dia; mas tudo me leva para pensamentos mais profundos, mais doridos e uma vontade de penetrar no mistério da minha alma e do Universo. (LIMA BARRETO, 2010, p. 83)

A primeira observação crítica é a forma como a polícia o conduziu até o hospício. O papel da polícia é de triagem. O marginal, o réu, será conduzido à cadeia. O “louco”, o réu sem culpa, é classificado como anormal e será encarcerado, também através da força, no hospício. A ação policial conduzirá o louco que deixa de ser, neste momento, um indivíduo, cessando o direito ao próprio corpo. A primeira etapa é o Pavilhão de Observação, etapa que antecede o exame médico:

Estou no Hospício ou, melhor, em várias dependências dele, desde o dia 25 do mês passado. Estive no Pavilhão de Observação, que é a pior etapa de quem, como eu, entra para aqui pelas mãos da polícia. (...)

Não me incomodo muito com o Hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida. (LIMA BARRETO, 2010, p.44)

Historicamente o manicômio surgiu após Pinel¹², que passou a considerar a loucura como doença mental, necessitando de atenção, medicamentos e supervisão, revolucionando assim a psiquiatria:

¹² “No século XVIII, Phillippe Pinel (1745-1826), considerado o pai da psiquiatria, propõe uma nova forma de tratamento aos loucos, libertando-os das correntes e transferindo-os aos manicômios, destinados somente aos doentes mentais. Várias experiências e tratamentos são desenvolvidos e difundidos pela Europa. O tratamento nos manicômios, defendido por Pinel, baseia-se principalmente na reeducação dos alienados, no respeito às normas e no desencorajamento das condutas inconvenientes. Para Pinel, a função disciplinadora do médico e do manicômio deve ser exercida com firmeza, porém com gentileza. Isso denota o caráter essencialmente moral com o qual a loucura passa a ser revestida.” MINISTÉRIO DA SAÚDE (Org.). **A reforma psiquiátrica brasileira e a política de saúde mental**. 2014. Disponível em: <<http://www.ccs.saude.gov.br/vpc/reforma.html>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

O internamento do homem social preparado pela interdição do sujeito jurídico significa que pela primeira vez o homem alienado é reconhecido como incapaz e como louco; sua extravagância, de imediato percebida pela sociedade, limita – porém sem obliterá-la – sua existência jurídica. (FOUCAULT, 1987, p. 132)

Goffman (2008) reforça em seu livro *Manicômios, prisões e conventos* o papel do hospital psiquiátrico em relação ao ambiente e suas regras. Elas são feitas para lembrar ao paciente que ele constitui um caso de doença mental, que sofreu algum tipo de colapso social no mundo externo, tendo fracassado de alguma forma. No hospital, o paciente será reduzido em sua condição social, será considerado incapaz para agir como pessoa integral.

Tais humilhações tendem a ser sentidas de maneira mais aguda pelos pacientes de classe média, pois sua condição anterior de vida tem pouca probabilidade de imunizá-los contra tais afrontas, mas todos os pacientes sentem certa degradação. (GOFFMAN, 2008, p. 130)

Lima Barreto sofreu violências, humilhações, demonstrando assim que apesar da condição de doente, ele foi considerado “culpado” pelos seus atos, o réu sem culpa.

Da outra vez, fui para a casa-forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, as portas abertas e eu tive muito pudor. (LIMA BARRETO, 2010, p.45)

O ambiente do hospício também foi detalhado por ele no *Diário do Hospício*. Elogios à construção e às qualidades arquitetônicas se contrapõem as condições enfrentadas pelos doentes, na maioria pessoas dos segmentos inferiores da sociedade, os miseráveis, os marginais, os pobres. São ainda trabalhadores, camponeses, desempregados, índios, negros, degenerados, perigosos em geral para a ordem pública, retirantes que, de alguma forma ou por

algum motivo, padecem de algo que se convencionou englobar sob o título de doença mental:

O mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par. Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São de imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são os negros, roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena¹³ social. (LIMA BARRETO, 2010, p.48)

Lima Barreto observa o contraste entre a fachada do hospício, ampla, com o fundo proporcional, janelas dispostas em simetria e remates cuidadosos com o pátio da Seção Pinel. Contraste de horror:

Esse pátio é a coisa mais horrível que se pode imaginar. Devido à pigmentação negra de uma grande parte dos doentes aí recolhidos, a imagem que se fica dele, é que tudo é negro. O negro é a cor mais cortante, mais impressionante; e contemplando uma porção de corpos negros nus, faz ela que as outras ofusquem no nosso pensamento. É uma luz negra sobre as coisas, na suposição de que, sob essa luz, o nosso olhar pudesse ver alguma coisa. (LIMA BARRETO, 2010, p.37)

A observação de Lima Barreto sobre o ambiente, em função da presença maciça de negros entre os doentes – “a pigmentação negra de uma grande parte dos doentes aí recolhidos” – revela as estratégias de segregação dos grupos populares existentes no início do século, quando diversos discursos foram

¹³ Lugar de suplício eterno pelo fogo. Esta é a primeira dentre muitas associações que o escritor fará entre hospício e inferno.

usados como forma de normatização de uma sociedade que queria se fazer moderna.

O discurso médico, no entendimento de diversos autores, não só classificava como excluía e segregava aqueles que com sua presença impunha lembranças de um passado caracterizado pelos elos de ligação com o atraso colonial. Nesse sentido, as marcas negras da escravidão expostas na cidade deveriam ser estripadas, seja através da expulsão dos trabalhadores em direção aos subúrbios, seja através do encobrimento dos que, pouco mais de uma dezena de anos do fim da escravidão, ofereciam o espetáculo impuro de seus corpos negros pela cidade¹⁴.

O entendimento de Lima Barreto em relação ao hospício e a sua internação é a própria visão do inferno. “A loucura, a degradação humana – o horror desse espetáculo.” A sua vida, vitimada diante de tantas tragédias, jogada como lixo naquele local de suplício, o hospício, do fogo eterno, o inferno.

Chamou-me o bragantino e levou-me pelos corredores e pátios até o Hospício propriamente. Aí é que percebi que ficava e onde, na seção, na de indigentes, aquela em que a imagem do que a Desgraça pode sobre a vida dos homens é mais formidável. (LIMA BARRETO, 2010, p.48)

A segregação já sentida por Lima Barreto em toda a sua vida, novamente será reforçada com a internação. Ele observa e questiona o método utilizado para o tratamento da loucura. Denuncia a “nova” psiquiatria que, nesse caso, ainda mantém o antigo modelo de segregação e violência:

Amaciado um pouco, tirando dele a brutalidade do acorrentamento, das surras, a superstição de rezas, exorcismo,

¹⁴ Sobre o discurso médico higienista como normatização do Rio de Janeiro no início do século há diversos trabalhos, desde o clássico livro de Sidney Chaloub, **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. Campinas (SP): Ed. da UNICAMP, 2011, até Magali Engel, **Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro, 1840-1890**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

bruxarias etc., o nosso sistema de tratamento da loucura ainda é o da Idade Média: o sequestro. Não há dinheiro que evite a Morte, quando ela tenha de vir; e não há dinheiro nem poder que arrebate um homem da loucura. Aqui no hospício, com as suas divisões de classes, de vestuário etc., eu só vejo um cemitério: uns estão de carneiro e outros de cova rasa. Mas, assim e assado, a loucura zomba de todas as vaidades e mergulha no insondável mar de seus caprichos incompreensíveis. (LIMA BARRETO, 2010, p.90)

Lima Barreto, em várias passagens do *Diário*, compara o hospício com a prisão. O poder é claramente estabelecido, isolando e anulando o indivíduo, impondo regras, normas e condutas, onde o sujeito perde a sua identidade e o seu corpo doente é submetido a uma ordenação programada. A seguir, um trecho que expressa a marcação do tempo no hospício e o sentimento de aniquilamento e angústia diante da condição imposta pela doença mental:

Para mim eram as mais tristes horas que passei no hospital, aquelas que vão da refeição até à hora do sono. Durante as outras, há uma esperança para nos animar e sustentar o espírito: são as das refeições. Marca-se a vida daquelas horas vazias de que fazer, de ócio obrigado, mas cheias de tédio, por elas, mas, depois do jantar, não há mais nenhum marco no tempo que vai correr, senão o duvidoso do instante em que se concilie o sono. Vem então uma melancolia, que a luz da tarde faz mais sombria, mais física, mais dolorosa; e o nosso pensamento, quando para em alguma coisa, é para os tristes episódios da nossa vida. (LIMA BARRETO, 2010, p. 240)

Na bela descrição de cada dia em que ali passou, Lima Barreto mostra claramente que a passagem do tempo, no tempo vazio da loucura, se fazia pelos horários das refeições, que produziam nos internos a sensação de um novo tempo diante de que se esvaíam lentamente.

Em contraponto a um tempo vazio de todas as horas do dia (“marca-se a vida daquelas horas vazias de que fazer”), com as horas da refeição, indicando

também a oscilação das luzes que iluminam o dia como o momento de sentimentos variados: a tristeza, a melancolia, o tédio.

E continuava:

Eu ali, naquele Hospício, no meio da vida, com tantas dores na vida, as que me vieram sem culpa minha, inclusive a minha organização, as que eu mesmo engendrei, cheio de vida e de bondade, não era bem a morte que eu queria, não era o aniquilamento da minha pessoa, a sua fragmentação até o infinito, nas coisas e nos seres, era outra vida, mais cheia de amor, de crença, de ilusão, sem nenhum poder de análise e isenta de toda e qualquer capacidade sobre mim mesmo. (LIMA BARRETO, 2010, p. 240)

Sem “nenhum poder de análise e isenta de toda e qualquer capacidade sobre mim mesmo”, reconhecia Lima Barreto, que ele vivia “no meio da vida, com tantas dores na vida”. Era ali também que viva as dores das quais tinha culpa e o sentimento de que não desejava ser o que era no presente, uma pessoa aniquilada, fragmentada, caminhando para a morte.

O desejo de futuro que se materializa nas suas palavras era de “outra vida, mais cheia de amor, de crença de ilusão”, aonde fosse restabelecido o seu poder de análise, enfim, a capacidade sobre ele mesmo.

Luciana Hidalgo (2008) ressalta em seu livro a relação historicamente contraditória existente no espaço restrito do asilo entre o interno e a psiquiatria. Embora a intenção da psiquiatria fosse cientificamente positiva, ela agia como polícia do interno. O Estado, responsável pela loucura, delega poderes ao médico, transformando-o em “juiz do louco”. Os médicos analisavam os sintomas e depoimentos das testemunhas (familiares e amigos) e determinavam a condenação ou libertação do indivíduo na instituição. Os enfermeiros e guardas vigiavam, estabeleciam tarefas e puniam. Foucault descreve o tratamento da loucura, a instituição de lugares discursivos de força e de controle, quando do “nascimento do asilo”.

Assim se estabelece a função muito curiosa do hospital psiquiátrico do século XIX: lugar de diagnóstico e de classificação, retângulo botânico onde as espécies de doenças são divididas em compartimentos cuja disposição lembra uma vasta horta. Mas também espaço fechado para um confronto, lugar de uma disputa, campo institucional onde se trata de vitória e de submissão. O grande médico do asilo (...) é ao mesmo tempo aquele que pode dizer a verdade da doença pelo saber que dela tem, e aquele que pode produzir a doença em sua verdade e submetê-la, na realidade, pelo poder que sua vontade exerce sobre o próprio doente. (FOUCAULT, 2007, p. 122)

A questão da enunciação da verdade da doença proferida por quem detém o saber científico é destacada por Foucault, que remarca a função da vontade da verdade como produtora da doença e, ao mesmo tempo, como mecanismo de vigilância, poder e controle. Em seguida, destaca as técnicas e procedimentos, cuja principal função era atribuir ao médico o papel de enunciador de uma verdade única e inquestionável.

Todas as técnicas ou procedimentos efetuados no asilo do século XIX – isolamento, interrogatório particular ou público, tratamentos-punições como a ducha, pregações morais, encorajamentos ou repreensões, disciplina rigorosa, trabalho obrigatório, recompensa, relações preferenciais entre o médico e alguns de seus doentes, relações de vassalagem, de posse, de domesticidade e às vezes de servidão entre doente e médico – tudo isto tinha por função fazer do personagem do médico o "mestre da loucura"; aquele que a faz se manifestar em sua verdade quando ela se esconde, quando permanece soterrada e silenciosa, e aquele que a domina, a acalma e a absorve depois de a ter sabiamente desencadeado. (FOUCAULT, 2007, p. 122)

Destacando os mecanismos de vigilância e de repressão, os “tratamentos-punições”, bem como as relações que estabelecem em que enuncia o discurso da ciência sobre a doença, Foucault remarca, igualmente, a função desses mecanismos na produção da verdade sobre a loucura.

Os guardas e enfermeiros também são observados e o modo como são tratados os internos, registrado. Os loucos que ocupavam o “Pavilhão” e a seção dos pobres, dependendo da condição econômica e social, não tinham direito a nada, pois eram considerados inferiores e eram obrigados a executar tarefas impostas pelos guardas. Lima Barreto se mostra indignado e humilhado com essa situação, pois, por conta da sua instrução e educação não deveria sofrer por algo que não havia provocado.

Digo com franqueza, cem anos que viva eu, nunca poderão apagar-me da minha memória essas humilhações que sofri. Não por elas mesmo, que pouco valem; mas pela convicção que me trouxeram de que esta vida não vale nada, todas as posições falham e todas as precauções para um grande futuro são vãs.
(LIMA BARRETO, 2010, p. 82)

1.2 EM TORNO DA LOUCURA

Outro aspecto importante observado por Lima Barreto é a prática da psiquiatria fora e dentro do hospício. Ele critica duramente o tratamento violento da polícia para os que são considerados dementes, anormais, inconvenientes para a sociedade, portanto, marginais. Essa polícia retira, julga e recolhe o sujeito com comportamento anormal. Nas dependências do hospício, Lima Barreto sofre uma série de violências e outras práticas comuns nos hospícios da época no Brasil e nos manicômios europeus do século XIX.

Segundo Goffman (2008), o hospício pertence a uma classificação que o define como instituição total. Para o autor, tal instituição é caracterizada pelo “fechamento”, isto é, “seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas...”

Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. (GOFFMAN, 2008, p. 11)

Goffman (2008) enumera em cinco grupos as instituições totais da sociedade: primeiro, as instituições criadas para cuidar de pessoas incapazes e inofensivas: casa para cegos, velhos, órfãos e indigentes; segundo, os locais estabelecidos para cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmas, e que representam uma ameaça não intencional à comunidade: sanatórios para tuberculosos, hospitais para doentes mentais e leprosários; em terceiro lugar estariam as instituições totais para proteger a comunidade contra perigos intencionais, e o bem estar das pessoas isoladas não constitui problema imediato, como cadeias, penitenciárias, campos de prisioneiros de guerra, campos de concentração; no quarto grupo, figuram as instituições voltadas exclusivamente para a realização de forma adequada, alguma tarefa instrumental, como quartéis, navios, colégios internos, campos de trabalho, colônias; e no quinto e último grupo, as instituições destinadas ao refúgio do mundo e instrução para religiosos, como abadias, mosteiros, conventos e outros claustros.

As instituições totais reproduzem estratégias de poder vigentes na sociedade. Os hospícios são lugares de segregação e estratificação social. Aqueles que não se comportam da “forma correta” considerada pelo poder, são excluídos da sociedade. Para Foucault, o hospital exerce uma função disciplinadora, na medida em que os indivíduos são compulsoriamente retirados da sociedade e internados por longos períodos para disciplinar suas condutas e comportamentos.

Para o autor é importante remarcar que a disciplina ou poder disciplinar não é nem um aparelho, nem uma instituição, mas “uma rede que atravessa sem se limitar as suas fronteiras”.

Ela é uma técnica, um dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder, são métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade. É o diagrama de um poder que não atua no exterior, mas trabalha o corpo dos homens, manipula seus elementos e produz seu comportamento. (FOUCAULT, 2008, p. 27)

O século XIX, segundo o autor, teria assistido ao desenvolvimento de novos métodos de classificação, hierarquização, codificação, vigilância e tecnologia disciplinar localizadas no corpo, produzindo novos tipos de coerção (disciplinar, vigilância e punição) a serviço de uma concepção inédita de sujeito e de sua subjugação.

Essa disciplinarização é uma manifestação de poder que se desenvolve nas práticas discursivas para tornar efetiva a dominação e a repressão em várias instâncias disciplinares, tais como a família, a escola, a fábrica, a prisão e o hospital.

Paralelamente, assiste-se a fabricação de determinados conhecimentos – o jurídico, o médico, etc. – que se auto instituem como ciência, ou seja dotados de neutralidade e objetividade e, portanto, passíveis de enquadrar os sujeitos e sujeitá-los.

Esses conhecimentos se colocam a serviço de práticas que dividem o sujeito em dois núcleos, um interno e outro externo. A partir de diversas ações esse sujeito passa a ser objetivado através de oposições, como honesto/criminoso, são/doente, mentalmente sadio/louco.

Para Foucault (1987), o louco é reconhecido como um anormal. É o sujeito que perdeu a sua funcionalidade. A loucura se instala na medida em que o sujeito se afasta dos padrões socialmente convencionados, ditos como corretos ou verdadeiros.

O entendimento da loucura por Lima Barreto era bem claro e seu poder de observação singular. A ideia da loucura descrita nos relatos do *Diário*, no

início do século 20, permanece atual. Impressionante é a lucidez e a serenidade na própria loucura, a capacidade de elaboração e crítica a partir da sua experiência. Com extrema clareza ele revela a sua condição no hospício e os motivos que o levaram à internação.

Impossível entender a loucura sem o confronto com a realidade, com a sua história e o seu passado. Esse confronto com a realidade se mostrará através do encarceramento de Lima Barreto na própria loucura e no encarceramento de fato no hospício.

Para Foucault, se o sujeito pensa e age de forma alternativa ao que é pré-determinado pela sociedade, ele é considerado louco, e este por sua vez não é somente o resultado de um diagnóstico médico, é também um reflexo das produções discursivas da sociedade.

Nos asilos, os médicos visitavam os doentes duas vezes por semana, e esta falta de atenção aos loucos deixava o hospital no mesmo patamar da prisão, inclusive quanto à imposição das regras. No controle dos grupos sociais, como assinala Foucault (1987), as ações históricas no sentido de impor, através da formação de um discurso de saber específico, padrões de comportamento, fazem parte de um projeto de poder que tinha como pressuposto fundamental a vigilância. Ir contra os padrões estabelecidos pelo discurso produzido pela ciência para também controlar os corações e mentes, era produzir uma ação passível de ser punida.

No asilo, o trabalho será despojado de todo valor de produção; só será imposto a título de regra moral pura; limitação da liberdade, submissão à ordem, engajamento da responsabilidade com o fim único de desalienar o espírito perdido nos excessos de uma liberdade que a coação física só limita aparentemente. (FOUCAULT, 1987, p. 480)

Ainda, em relação ao tratamento recebido, Lima Barreto faz algumas referências positivas aos enfermeiros e inspetores. Há uma real preocupação

com as condições psicológicas dos guardas, enfermeiros e inspetores do hospício. Reconhece as dificuldades do ofício:

Não é dos mais agradáveis e é preciso, além de paciência e resignação para aturá-los, uma abdicação de tudo aquilo que faz o encanto da vida de todo homem. É ele, por assim dizer, obrigado a viver no manicômio, só podendo ir ter com a família, ou o que com isso parece, a longos intervalos. Demorando-se pouco no lar. Ouvir durante o dia e a noite toda sorte de disparates, receber as reclamações mais desarrazoadas e infantis, adivinhar as manhas, os seus *trucs* e dissimulações – tudo isto e mais o que se pode facilmente adivinhar, transforma vida desses guardas, enfermeiros, num verdadeiro sacerdócio. (LIMA BARRETO, 2010, p. 54)

Lima Barreto analisa alguns loucos internos que, como ele, são intelectuais, formados, “doutores” e afirma que “quase todos eles são possuidores de uma mania depressiva que lhes tira não só a ênfase doutoral, como também se votam, em geral, a um silêncio perpétuo”. É como uma marca, uma característica de quem possui instrução, certa melancolia¹⁵. Outros loucos, em condição mais humilde, “de baixa extração”, tinham “a singular mania (...) de andarem nus”. No capítulo 2, esses loucos que conviveram com Lima Barreto serão apresentados em detalhes.

Somente após, aproximadamente, dez dias de internação, segundo as suas próprias anotações, Lima Barreto foi examinado pelo médico do hospício, Henrique de Brito Belfort Roxo (1877-1969)¹⁶. Com bastante desconfiança,

¹⁵ A melancolia também é um delírio, mas um delírio particular, que incide sobre um ou dois objetos determinados, sem febre ou furor, no que ela difere da mania e do frenesi. Frequentemente esse delírio se vê acompanhado por uma tristeza insuperável, por um estado de espírito sombrio, por misantropia, por uma inclinação decidida pela solidão. (FOUCAULT, 1987, p. 203)

¹⁶ Formou-se doutor pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde defendeu a tese Duração dos atos psíquicos elementares nos alienados, em 1900, sob orientação de Teixeira Brandão. Posteriormente, de 1904 a 1907, substituiu na direção do Pavilhão de Observações do Hospital Nacional de Alienados seu orientador, que estava impedido por ter se eleito deputado federal. Roxo frequentou a Clínica Psiquiátrica de Heidelberg e de München, onde se encontrava o psiquiatra alemão Emil Kraepelin e

assume uma postura crítica em relação ao médico e seu conhecimento da especialidade psiquiátrica:

É bem curioso esse Roxo. Ele me parece inteligente, estudioso, honesto; mas não sei por que não simpatizo com ele. Ele me parece desses médicos brasileiros imbuídos de um ar de certeza de sua arte, desdenhando inteiramente toda outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar o fato por si. Acho-o muito livresco e pouco interessado em descobrir, em levantar um pouco o véu do mistério – que mistério! – que há na especialidade que professa. Lê os livros da Europa, dos Estados Unidos, talvez; mas não lê a natureza. Não tenho por ele antipatia; mas nada me atrai a ele. (LIMA BARRETO, 2010, p. 47)

Nos jornais diários da cidade, a notoriedade “desse Roxo”, no dizer de Lima Barreto, era destacada em anúncios frequentes (Figura 1). Os seus conhecimentos referendados não apenas por ser “professor de clínica”, mas também por ministrar cursos nos “principais hospitais europeus” eram destacados como prova da notoriedade e competência do médico especialista em “doenças mentais e nervosas” (*Correio da Manhã*, 1 jan. 1920).

Para Lima Barreto, essa notoriedade produzia o distanciamento do médico dos pacientes e, sobretudo, no esforço para tentar compreender os próprios mistérios da loucura. “Muito livresco” ou leitor de livros norte-americanos e europeus, Henrique Roxo, para o escritor, não era capaz de uma aproximação maior com os pacientes o que impedia a sua compreensão sobre a loucura. Lima Barreto definitivamente não simpatizava com ele.

figurou entre os nomes ilustres da psiquiatria brasileira da época, tendo participado, entre 1908 e 1910, da comissão da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, criada para elaborar uma classificação psiquiátrica brasileira. FACCHINETTI, Cristiana; VENANCIO, Ana Teresa A.. Entre a psicanálise e a degenerescência: sexualidade e doença mental no início do século XX no Brasil. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental** [On-line] 2006, IX (Marzo): [Data de consulta: 24 / junho / 2014] Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017581012>> ISSN 1415-4714

CORREIO DA MANHÃ — Quinta-feira, 1 de Janeiro de 1920

Mazens de Madeiras e Mater ra Construcções Excepcionaes

**SA MATRIZ :
O DA VEIGA, 13 e 15
e Central 1069**

**239
289**

COSTA & COMP.

Madeiras serradas
grossuras. — Pinhos de rig
cano e do Paraná — Telhas

Materiaes para construcções em grande escala

**EM RESUMO - Ultima palavra em fornecimer
A. COSTA & COMP.**

PETROPOLIS
Aluguel e prédio...
Casa em Ipanema
Vende-se uma casa...
MANICURA
Tendo-se...
Autonovel "Paige"
Vende-se...
Quartos com pensão e salas
Aluguel...

Lulu' da Pomerania
Vende-se...
GALGA
Vende-se...
PENSÃO
Vende-se...
PERDEU-SE
Perdeu-se...
COPACABANA
Aluguel...

A'S FABRICAS DE TECIDOS
Tecnico formado...
Modeladoras mecanicas
Especialistas...
Machina e motores
Machinas...
CASA MOBILADA
Aluguel...
FLAMENGO
Aluguel...

FAZENDA
S.M. S. GONCALO...
PITACIACIAS
Vidros...
Salas - Quartos
Podendo formar...
Mobilia austriaca
Vendo-se...
Escola de modas
Curso...

A Nobre Dama de Paris

Rua do Ouvidor n. 182
Brevemente encerrar-se-á o Diacon
to de 20 1. (3461)

CURA DA TUBERCULOSE, CANCRO, SYPHILIS E SYPHILIS
Dr. Gomes Cardia...
Dr. Ed. Madalenas...
CLINICA MEDICA MOLESTIAS DAS SENHORAS SYPHILIS
DOENÇAS MENÇEAS E NERVOZAS
DR. BERNARDINO...
DR. W. Schiller...

TRATAMENTO DAS DOENÇAS DEBILITANTES HAIS X
DR. RIBEIRO...
MOLESTIAS DAS SENHORAS, OPERACOES, PARTOS
Dr. Daciano Goulart...
Dr. Castro Perito...
DR. LINCOLN DE ARAUJO...
DR. PEDRO DE VASCONCELOS...
DR. DOMINGOS DE BARROS...
MOLESTIAS DAS SENHORAS

MOLESTIAS DAS CRIANÇAS
DR. MONCORVO...
DR. PEDRO CUNHA...
CLINICA CIRURGICA, VIAS URINARIAS
DR. A. CORREIA...
DR. CARLOS WERNER...
DR. NELSON DE MARCHES...
DR. B. Sicupira...
DR. Frederico Faulhaber...
OPERACOES, APARELHOS, VIAS URINARIAS

SYPHILIS, VIAS URINARIAS
JULIO DE MACEDO...
OPERACOES, PARTOS, VIAS URINARIAS E NEURAS
DR. CASTRO ARAUJO...
VIAS URINARIAS, TUMORES NO DEBILITANTES
DR. JAYME FOGG...
TUMORES NO VENTRE MOLESTIAS DAS SENHORAS MOLESTIAS DAS SENHORAS MOLESTIAS DAS SENHORAS MOLESTIAS DAS SENHORAS

Figura 1 – Anúncio do médico Henrique Roxo. CORREIO DA MANHÃ, 01 jan. 1920.

Lima Barreto, apesar de ter aceitado, em parte, que o alcoolismo era a causa da sua doença, da loucura e dos delírios, percebeu o desinteresse do médico, na prática psiquiátrica, em investigar e aprofundar as questões da alma, do sofrimento, dos seus dramas pessoais, no seu diagnóstico. Para Lima Barreto, atribuir somente ao alcoolismo a causa de sua loucura era uma visão muito limitada e generalizada. Ele questionava as causas da loucura, com uma percepção bastante avançada para o começo do século XX, considerando outros

fatores igualmente importantes, como comportamento (p.ex. libido), herança genética, ambiente social¹⁷ etc.:

(...) acode-me refletir por que razão os médicos não encontram no amor, desde o mais baixo, mais carnal, até a sua forma mais elevada, desdobrando-se num verdadeiro misticismo, numa divinização do objeto amado; por que – pergunto eu – não é fator de loucura também? (LIMA BARRETO, 2010, p.25)

Ainda em relação às possíveis causas da loucura, Lima Barreto refere-se ao dinheiro e ao desejo de status como prováveis desencadeadores da insanidade:

Por que a riqueza, base de nossa atividade, coisa que, desde menino, nos dizem ser o objeto da vida, da nossa atividade na terra, não é também a causa da loucura?

Por que as posições, os títulos, coisas também que o ensino quase tem por meritório obter, não é causa da loucura? (LIMA BARRETO, 2010, p.25)

Na sua insanidade social, o escritor procura, sem encontrar resposta, a causa de seu estado mental. As agruras cotidianas (desilusão amorosa, diferenciação de posição social, dificuldades de distinção no mundo etc.) poderiam, na sua concepção, serem desencadeadoras de todo aquele processo doloroso que deixava marcas duradouras na sua vida.

No próximo capítulo, procuraremos mostrar os personagens qualificados como loucos e que se transformaram nos loucos leitores. O objetivo é identificar particularidades desses personagens que ajudarão a compor as cenas das práticas leitoras que, como tantos, se transfiguravam no público dos jornais que circulavam e faziam sucesso na cidade no início do século XX.

¹⁷ Até hoje não se conhece as causas da loucura, porém sabe-se que ela sofre influências biológicas/genéticas, como genes de predisposição e ambientais, como traumas psíquicos, experiências psicológicas negativas, vulnerabilidade ao estresse e à sobrecarga emocional. (PALMEIRA, 2013, p.85-87)

2. DIÁRIO DOS LOUCOS

O espetáculo da loucura, não só no indivíduo isolado, mas, e sobretudo, numa população de manicômio, é dos mais dolorosos e tristes espetáculos que se pode oferecer a quem ligeiramente meditar sobre ele. Dizia Catão que os sábios tiram mais ensinamentos dos loucos que estes deles. Deve ser assim, conforme quem os interpela e o tempo que o faz, mas o certo é que, à primeira vista, o ensinamento não é, como queria o orgulho romano, para melhoramento e progresso dos ajuizados; ao contrário, a primeira impressão é de abjeção para o seu espírito, pelo enigma que nele se põe, diante de uma misteriosa interrogação sem resposta. Donde vem isto? Que inimigo da nossa espécie é esse que se compraz em nos rebaixar? (LIMA BARRETO, 2010, p. 203)

No presente capítulo construiremos uma tipologia para os loucos do hospício descritos por Lima Barreto e que compartilharam, de alguma forma, suas leituras. Num primeiro momento o objetivo é compreendemos o universo da loucura e num segundo visualizar as práticas de comunicação desses personagens, destacando os modos de leitura. Classificamos inicialmente os internos, segundo as características registradas no *Diário do Hospício*.

Há os que deliram; há os que se concentram num mutismo absoluto. Há também os que a moléstia mental faz perder a fala ou quase isso. Quando menino, muito vi loucos e, quando estudante, muito conversei com os outros que essas coisas de sandice estudavam sobre eles, mas, pela observação direta e pelo que li e ouvi dos entendidos, percebi bem a perplexidade deles em face de tão angustioso problema da nossa natureza. (LIMA BARRETO, 2010, p. 67)

Na descrição do escritor percebemos mais do que a caracterização dos loucos que habitam junto com ele aquele hospício que seria objeto de seu diário. Nas palavras que constroem uma espécie de tipologia dos loucos, aparecem práticas diversas de comunicação que fazem parte de um mundo que sai de uma

realidade presumida em direção ao delírio. Assim, o não dizer, o silêncio, qualificado como “mutismo absoluto” divide o espaço com a fala abundante dos que “deliram”. Numa única frase, Lima Barreto faz menção duas vezes ao silêncio. Há os que escolhem o mutismo e há os que são forçados a ficarem mudos em função de uma “moléstia mental que faz perder a fala ou quase isso”.

Observamos, portanto, que entre o dito verborrágico e o não dito se configuram muitas práticas de comunicação naquele universo do delírio, de construção de outra realidade além da sanidade. Mas os que dizem também podem fazê-lo de maneira incompreensível. Portanto, não dizer e dizer são ações que se conjugam no universo de comunicação dos loucos que se transformaram também em leitores.

Alguns desses loucos eram conhecidos de Lima Barreto, o que lhe causava surpresa por reconhecer “tantas fisionomias vagamente conhecidas”. Provavelmente antigos colegas do colégio, do trabalho, de cafés e de festas. Em contrapartida, a figura de Lima Barreto, intelectual, escritor, interno, causava nos outros, loucos, desconhecidos, interesse e curiosidade.

O engraçado é que aqueles que eu não conhecia prontamente é que vinham a mim falar-me, e não veio um só; vieram muitos, e todos me trataram com afeto e respeito, conquanto me caceteassem, lendo o que escrevia ou lia, querendo o meu jornal, pedindo-me cigarros, não me deixando de todo sossegar e aproveitar esse descanso que o álcool e as apreensões da minha atribulada vida me dão. (LIMA BARRETO, 2010, p. 57. Grifos nossos)

Na descrição percebemos, mais uma vez, modos de comunicação e a partilha de interesses em torno da produção escrita. O que o escritor lia ou escrevia era objeto da curiosidade de muitos. Quando abria o jornal, logo vinha um outro querendo dividir aquela leitura. Na descrição aparece com detalhe os pedidos, que iam dos cigarros até o jornal que também deveria ser partilhado.

Mas aparecem também práticas de leituras. Podemos presumir que outros loucos, tais como ele, Lima Barreto, pediam o livro ou o jornal objeto da

sua leitura, ou também podia ler por sobre o ombro do autor as páginas que eram objetos de sua atenção. A partilha momentânea era logo substituída pelo pedido insistente para que leitor em conjunto, ou de leitor desejoso da leitura, se transformasse em leitor mudo e solitário do objeto que era alvo da atenção do escritor.

Mas quem eram esses personagens do Hospital dos Alienados? E, sobretudo, como percebiam a leitura naquele universo particular. É em torno dessas duas questões centrais que o capítulo se desenvolve.

2.1 QUEM SÃO OS LEITORES

Estou entre mais de uma centena de homens, entre os quais passo como um ser estranho. Não será bem isso, pois vejo bem que são meus semelhantes. Eu passo e perpasso por eles como um ser vivente entre sombras – mas que sombras, que espíritos?! As que cercavam Dante tinham em comum o stock de ideias indispensável para compreendê-lo, estas não têm mais um para me compreender, parecendo que têm um outro diferente, se tiverem algum. (LIMA BARRETO, 2010, p. 59)

Entre os mais de cem homens que dividiam o espaço do Hospital dos Alienados com Lima Barreto, muitos eram conhecidos do escritor, como já enfatizamos. Outros, entretanto, passaram a ser personagens do cotidiano a partir da convivência naquele cenário de corredores longos, salas amplas e pátios internos que deixavam ver o céu e o tempo de sombras.

Muitos desses personagens são minuciosamente descritos pelo escritor, permitindo a construção de um quadro síntese no qual podemos identificar a categorização social e também a razão da loucura. Do poeta e dono de um colégio até o sergipano briguento são muitos os que possuem grau de instrução superior e que dividem as leituras naquele ambiente sombrio.

No quadro a seguir caracterizaremos alguns desses personagens, procurando particularizar os aspectos distintivos que permitem antever o domínio das letras impressas. Muitos são mais do que leitores, são produtores de textos. No quadro também particularizamos as razões da loucura.

QUADRO I
Os loucos do *Diário do Hospício*

Personagem	Caracterização	Razão da loucura/Motivo da internação
Dantas Lessa	Poeta alegre e dono de um colégio em Vila Isabel	Desgosto e dívida
Queirós	Estudante de medicina, presunçoso	Um ataque o tornara hemiplégico e meio aluado
José Pinto	Rapaz português	<i>Sem informação</i>
F. P.	O mais barulhento e briguento. Oscilações no comportamento	Mania de grandeza, delírio de saber, agitação excessiva, vigilância constante
V. de O.	Sergipano, conhecia alguns textos de Lima Barreto e também escrevia. Trabalhou em um jornal de Minas e recitou versos para Lima Barreto.	Delírio de perseguição e grandeza
Matuto de Cabo Frio	"Parece uma estátua". Atonia, inércia, ama o silêncio, olhos sem brilho e sem expressão.	Completamente estúpido
Engenheiro	Presunçoso, orgulhoso, mal-educado, arrogante. Matou a mulher e o filho.	Mania de grandeza e mau humor. Acesso de loucura.
Caranguejo	Aleijado das pernas	Ataque de nervos
Oficial 1 C. B.	Tenente. Barulhento, utilização de termos pornográficos e de terminologia escatológica	Delírio em voz alta, incoerência nas ideias e palavras
Oficial 2	Polido, culto, gosto pela leitura, gosto por conversar assuntos superiores	Possível opção pela internação no hospício para evitar a prisão. Assassinou a mulher.
R.	Moço, simpático, educado. Único que conversava com o engenheiro	Completamente "imbecil"

Personagem	Caracterização	Razão da loucura/Motivo da internação
Velho	Bem vestido, muito limpo, engravatado, e foi empregado na Central.	Matou um colega. Aparentemente calmo, apresenta acessos de raiva e fúria periodicamente
Pensionista de primeira, Torres	Interno no Hospício há 30 anos, cuida da limpeza do seu quarto, cuida dos gatos e das plantas, gosta de agarrar camundongos, esfolá-los e conservar as peles.	Acesso de loucura, assassinou um rival, com quem disputava o amor de uma moça. Diz que viveu doze anos num ovo.
Velho	Mudo	Assassinou o irmão
D. E. Roberto Duque Estrada Godfroy	Parente de um funcionário do Hospício. 14 internações. Lima Barreto descreveu o episódio em que D. E. sobe ao telhado, seminu, retira as telhas e as atira em todas as direções da rua, bonde, automóveis e multidão. Sob o efeito de cachaça obtida no hospício, D. E. é contido por inspetores, guardas e bombeiros.	Loucura alcoólica, Alcóolatra, Revolta
"Capitão de polícia"	Considerado por Lima Barreto um dos mais estranhos do Hospício. Permanece no dormitório o dia todo, ora dormindo, ora à janela, saindo somente para as refeições e lavar o rosto.	Acesso de loucura na rua. Fala desconexa e repetitiva.
Vizinho de dormitório	Problemas na fala, olhar parado.	Grande dificuldade para alimentar-se
Gastão	Rapaz de dezoito anos, dissimulado, falso, chama todos de negros ladrões. Furta objetos e os troca ou vende por pães, cigarros, jornais e livros.	Ataque epilético
Borges	Negro, pais ricos, briguento, quebrou o nariz do "Gato"	Agressivo
Gato ou Marquês de Gato	"Velho", sessenta anos, bacharel em Direito	Delírio de grandeza. Insultos e caretas

Personagem	Caracterização	Razão da loucura/Motivo da internação
Menino	Moreno, se comportava como um cãozinho de estimação do Hospício	Completamente idiota, falava como uma criança. Balbuciava quatro ou cinco palavras somente.
Barbosa	Homem de mais de cinquenta anos	Comportamento infantil: dizia ter oito ou nove anos
C. Braga	Joga xadrez	Oscila entre a normalidade e o delírio
Ernesto Meneses	Velho, quase mudo	Matou a mãe
Alves	Companheiro de dormitório	Delírio, alucinação: mantém a cabeça molhada com um lenço fino, pois acha que estão ateando fogo.
"Alemão grandão"	Vizinho de Lima Barreto no refeitório, estúpido e malcriado	Ataque epilético
Sampaio	Pegava objeto de uns e dava para outros	Idiota
Carvalho	Tipógrafo, mal-encarado	Oscilação no humor e aborrecimento
F.	Esfaqueou o Belga	Mania religiosa
Belga	<i>Sem informação</i>	Mania de grandeza
E. P.	Polido, educado, tinha uma tabacaria e boas relações de amizade	Epilético, não apresentava nenhum tipo de mania, no entanto, não queria sair do Hospício
Homem nu	Rapaz moreno, corpo benfeito	Imbecil, catatônico
Juliano César	Morador de Santa Teresa	Misticismo, vícios

Fonte: BARRETO, Lima. *Diário do Hospício*. Quadro elaborado pela Autora.

Dos mais de 100 personagens que fazem parte daquele universo particular da loucura e que dividem o espaço do Hospital dos Alienados com o escritor, 35 aparecem caracterizados em detalhes.

Particularizando cada um deles pelos nomes ou sobrenomes, pela profissão (engenheiro, oficial, capitão de Polícia), pela nacionalidade (belga, português), pelos apelidos (gato, caranguejo) ou pelas iniciais, o escritor vai construindo os personagens.

Nessa caracterização aparece também o lugar intelectual de muitos e, sobretudo, o contato que tinham com o mundo da escrita. De Dantas Lessa, poeta e dono de um colégio em Vila Isabel, ao sergipano que conhecia os textos de Lima Barreto, tendo inclusive trabalhado em um jornal, muitos são os que têm gosto pela leitura, como, por exemplo, o Vidigal, que estudara inclusive na Escola de Música.

No que diz respeito aos motivos da internação, havia aqueles que num ataque de loucura tinham cometido assassinatos, havia também os que eram completamente “idiotas”, num catatonismo sem fim, e havia ainda os que tinham manias, de religião, de grandeza, do saber que julgavam possuir.

O primeiro contato de Lima Barreto foi com um conhecido, Dantas Lessa, poeta, dono de um colégio em Vila Isabel, já referido anteriormente. O colégio prosperou até certo ponto, no entanto, por falta de recursos para investimento no ginásio, foi perdendo alunos. Desgostou-se, endividou-se e enlouqueceu.

Queirós, moço, estudante de medicina, pensionista, um ataque o tornara hemiplégico e “meio aluado”. Lima Barreto dormiu duas noites no quarto do estudante: “tratou-me bem esse moço, conquanto não deixasse de ter, como eu já tive, essa presunção infantil do nosso estudante, que se julga, só por sê-lo, diferente dos outros.”

José Pinto, rapaz português, outro interno, da Seção Pinel, conhecido de Lima Barreto há mais de vinte anos quando ainda era estudante. Frequentavam a pensão do Ferraz, a mesma pensão onde Lima Barreto, estudante, fazia as suas refeições. José Pinto avisava ao porteiro a ordem recebida do médico para que fizesse as refeições no refeitório especial. Também conseguia jornais e cigarros para Lima Barreto.

F. P. mais um interno descrito por Lima Barreto no *Diário do Hospício*, caracterizado como o mais barulhento e briguento. Atitudes infantis, extremadas. Seu comportamento oscilava durante o dia, brigas, palavras pornográficas, gritos e risadas e depois abraços com quem ele brigou. Mania de grandeza, delírio de saber, agitação excessiva, vigilância constante.

V. de O. sergipano, “é um louco clássico, com delírio de perseguição¹⁸ e grandeza”¹⁹, observou Lima Barreto. Conhecia alguns textos de Lima Barreto, também escrevia, recitando seus versos. Portanto, V. O. tinha certa instrução.

Aproximou-se de Lima Barreto e contou a sua história. Por conta do delírio de perseguição, sua mulher providenciara a sua internação no Hospício informando à polícia que “ele andava aluado e armado para matá-la. Fora preso com um revólver na mão.”

Na mesma seção, Lima Barreto encontrou alguns internos formados. Havia um engenheiro com mania de grandeza e mau humor. Mas era “R.”, moço simpático, educado, mas completamente imbecil, que conversava mais amiúde com ele.

Alguns outros, também formados, nada diziam, permaneciam em absoluto silêncio, balbuciando algo incompreensível. Outros, por possuírem condições econômicas melhores e recomendações políticas, recebiam tratamento diferenciado, ocupando quartos individuais e gozando de uma série de regalias dentro do hospício.

¹⁸ O delírio de perseguição é o mais comum na esquizofrenia, particularmente na esquizofrenia paranoide. Ele é popularmente conhecido como paranoia ou mania de perseguição, e aqueles que dele padecem tem uma crença central de que estão sendo perseguidos, assumindo uma atitude de medo e defesa. (PALMEIRA, 2013, p. 111)

¹⁹ Alguns pacientes desenvolvem delírios de grandeza. Sentindo-se poderosos, melhores do que as outras pessoas, com dons especiais, como o de prever o futuro, influenciar pessoas ou fatos externos, como clima, guerras, catástrofes, ou acreditam ser alguém famoso ou com poder, como um presidente da República ou personagens históricos (...) Esses delírios costumam vir acompanhados de uma atitude de prepotência, arrogância e beligerância, e eles podem se portar como se de fato fossem alguém importante. (PALMEIRA, 2013, p. 113)

Havia também dois oficiais. Um deles, tenente C. B., bastante barulhento nas atitudes, vocabulário extremamente pornográfico e escatológico, o que aborrecia e incomodava Lima Barreto. Totalmente incompreensível e incoerente nas palavras, delirava em voz alta. O outro oficial era o oposto do primeiro. Polido, culto, tinha gosto pela leitura e por conversas cultas. Não aparentava ser louco, embora tivesse assassinado a mulher. Optou pela internação no Hospício para evitar a prisão. Para os mais abastados, havia essa opção.

Na simples caracterização desses personagens observamos a recorrência das referências ao manejo da escrita. Alguns eram poetas, enquanto outros recitavam versos pelos corredores. Muitos liam, pedindo sobretudo jornais emprestados ao escritor ou a outros internos. Portanto, há nas descrições referências frequentes ao hábito da partilha dos jornais, indicando uma leitura coletiva e que se tornava possível pela multiplicação de um mesmo jornal para múltiplos olhares.

O hábito de dividir um mesmo periódico era comum nesse primeiro momento de industrialização da imprensa diária. São muitas as referências ao hábito dos leitores de dividirem um mesmo exemplar nos bares da cidade, nos transportes coletivos, nos ambientes de trabalho. E segundo cálculos dos próprios dirigentes das principais publicações um mesmo exemplar era lido em média por seis pessoas, multiplicando-se o número dos impressos pelas práticas de leitura (BARBOSA, 2010).

Uma característica comum nos loucos mais instruídos, observada por Lima Barreto, é a mania depressiva ou depressão. Outro ponto interessante descrito pelo escritor é a dinâmica da loucura. A loucura ou o delírio não é um estado constante, permanente; ela se manifesta em ciclos. Ora a razão, ora o delírio. Segundo Pinel (2007) em seu *Tratado*, a loucura é periódica, o indivíduo, acometido pelo distúrbio mantém uma distância relativa da sua loucura²⁰ e não perde de todo suas faculdades mentais:

²⁰ Pinel classificou a loucura em quatro grupos distintos: mania sem delírio, a mania com delírio, a melancolia e a demência.

Os leitores não de dizer que não era possível encontrar isso numa casa de loucos. É um engano; há muitas formas de loucura e algumas permitem aos doentes momentos de verdadeira e completa lucidez. (...)

Dá-se o mesmo com a instrução, a educação. A loucura dá intervalos. (LIMA BARRETO, 2010, p. 73)

Mas grande parte dos loucos permanece totalmente paralisada, em um mutismo absoluto²¹.

Mas a loucura tem tantos pontos de contato de um indivíduo para outro, que seria arriscar tornar-me fastidioso se quisesse descrever muitos doentes. Há uma grande parte que se condenam a um mutismo eterno. Como descrever estes? Estes silenciosos são bizarros. (LIMA BARRETO, 2010, p. 78)

Lima Barreto descreveu três tipos com características catatônicas, porém identificados como leitores: um era um tipo acaboclado, origem africana, “sequioso de leitura, a ponto de ler qualquer fragmento de papel impresso que encontre.” Passava horas inteiras deitado no vão de uma janela. O segundo, um mulato, simpático, calmo, que tinha a mesma atitude, mas que na hora das refeições corria em direção ao refeitório, localizado fora da seção e um pouco distante. O terceiro, “Matuto de Cabo Frio, que parece uma estátua.” Totalmente inerte, ficava horas de pé, encostado na parede, em silêncio.

“Caranguejo” era outro louco com quem Lima Barreto se relacionava no hospício. Era aleijado das pernas, daí o apelido. Estava no hospício porque era acometido por “ataques de nervos”.

Internado há trinta anos, Torres, em um acesso de loucura, matou um rival com quem disputava o amor de uma moça. Cuidava da limpeza do quarto, dos

²¹ A catatonia é bem peculiar. O paciente apresenta crises recorrentes em que se torna inteiramente introspectivo, praticamente não fala ou fica completamente mudo, sem responder. Pode não comer, não se movimentar ou ficar extremamente lento, permanecendo numa mesma posição por muito tempo, de olhos abertos, mas sem interagir com as demais pessoas. (PALMEIRA, 2013, p. 90)

gatos e plantas, mas tinha uma estranha mania de agarrar camundongos, esfolá-los e conservar as peles.

Parente de um funcionário do hospício, com catorze internações, “D. E.”, Roberto Duque Estrada Godfroy, figura recorrente na seção policial dos jornais, foi o responsável por dois levantes no hospício. No primeiro episódio, D. E. subiu ao telhado seminu e atirou as telhas na rua, atingindo bondes, automóveis e a multidão. Sob efeito de cachaça, depois de muita confusão e dificuldade, foi contido por inspetores, guardas e bombeiros. Logo em seguida foi recolhido à Seção Lombroso. Uma semana depois, D. E. e outros internos escaparam da seção, promovendo uma nova rebelião²².

O “capitão de Polícia” era considerado por Lima Barreto um dos mais estranhos internos do hospício. Foi recolhido depois dos acessos de loucura na rua. A sua fala era desconexa e repetitiva. Não saía nunca do dormitório, somente para as refeições ou para lavar o rosto.

Alves, companheiro de dormitório, tinha o delírio e a alucinação de que estariam lhe ateando fogo em sua cabeça. Isso fazia com que mantivesse a cabeça sempre molhada e enfaixada com um fino lenço.

Muitos outros foram descritos no *Diário*, alguns, companheiros de dormitório, alguns conhecidos e outros que começaram a ser vistos paulatinamente no refeitório. Lima Barreto se relacionava com muitos, geralmente compartilhando os jornais. Em outros momentos, escrevia ou corrigia cartas para os internos. Algumas eram destinadas à direção do hospital e estavam repletas de reivindicações. Por ocasião de uma fiscalização, muitos internos apresentaram suas reclamações escritas por Lima Barreto ao fiscal:

Logo que se soube isso, toda a seção se pôs em polvorosa. Não houve quem não apresentasse a sua queixa. V. O. fez um discurso e leu representações, cartas, que eu tinha corrigido e mesmo escrito. Ficou muito contente porque o doutor ia tratar de

²² No último capítulo dessa dissertação analisaremos esse acontecimento que foi noticiado nos jornais de época como “Uma revolta no hospício”. Cf. *Correio da Manhã*, 28 de janeiro de 1920.

tirá-lo de lá, tanto, isso depois, que ele sabia (ele sempre sabia do que se passava fora do alcance das suas vistas e ouvidos) que o fiscal falara a respeito dele, V. O., energicamente, com a alta administração. (LIMA BARRETO, 2010, p. 112)

No entanto, Lima Barreto se aborreceu com determinados internos que furtaram objetos pessoais para trocar ou vender por livros, revistas e jornais. Esse foi o caso do Gastão, rapaz de dezoito anos, segundo ele, “dissimulado e falso”. Estava no hospício por conta dos ataques epiléticos. Chamava a todos de ladrões, mas era quem furtava objetos e os trocava por pães, cigarros, jornais e livros. O Sampaio pegava objetos de alguns internos e dava para outros, sem autorização.

E. P. era um caso curioso, epilético, educado, dono de uma tabacaria e com boas relações de amizade, não apresentava nenhuma loucura, nenhuma mania, mas não queria sair do hospício.

Os agressivos brigavam por tudo. Gastão, Borges e Gato brigaram por conta dos furtos de objetos no dormitório. Já F. e Juliano César falavam somente sobre religião, o final dos tempos e questões espirituais. Procuravam livros e notícias nos jornais sobre misticismo. Ambos manifestavam delírio religioso.

Lima Barreto conviveu nesse período de internação com “mais de uma centena de homens”. Material humano rico para as suas observações e no *Diário* ele revela detalhes do seu dormitório, também local de leitura: “Habito, com dezenove companheiros, um salão amplo, com três janelas para a frente da rua, olhando para o mar.”

Estou entre mais de uma centena de homens, entre os quais passo como um ser estranho. Não será bem isso, pois vejo bem que são meus semelhantes. Eu passo e perpasso por eles como um ser vivente entre sombras – mas que sombras, que espíritos?! (LIMA BARRETO, 2010, p. 89)

2.2 LUGARES E PRÁTICAS DE LEITURA

A biblioteca do hospício é o ponto de partida. É o lugar mais frequente da leitura de Lima Barreto. Confortável e familiar, é onde os ilustres autores, através dos livros, tomam forma, se conectam e se comunicam com Lima Barreto. É o seu lugar de refúgio. É o retorno, além da escrita (e com a escrita), ao seu próprio mundo e ao mundo da imaginação. É também a sua referência ao um mundo particular. Ao mundo das letras, da imaginação, da fantasia, da ciência e dos mistérios do Universo. Simbolicamente representava o seu mundo normal.

A biblioteca é citada, diversas vezes, no *Diário do Hospício*. Em todo tempo que permanecera internado, Lima Barreto frequentara a biblioteca, revezando com o dormitório, como locais privilegiados de suas leituras. Os internos, loucos leitores, a frequentavam também, por força da necessidade da leitura ou por mera imitação.

O Hospício tem uma biblioteca; antigamente, isto é, há cinco anos, quando aqui estive, estava nos fundos da seção, em uma pequena sala. Tinha uma porção de livros, até um Dostoievski lá havia e um excelente Dicionário das literaturas, de Vapereau, que eu lia com muito agrado; atualmente, porém, conquanto tenha pequenas mesas, meia dúzia, próprias para ler e tomar notas, duas cadeiras de balanço e duas espécies de divãs (estas últimas peças já existiam), não possui mais a mesma quantidade de livros, e a frequência é dos delirantes, que lá vão dar pasto a seu delírio, berros, gritos, fazer bulha com as cadeiras sobre o assoalho, não permitindo nenhuma leitura. (LIMA BARRETO, 2010, p. 101)

Na breve descrição do escritor sobre o seu lugar de leitura mais frequente, observa-se a sua percepção de que o número de exemplares dos livros havia diminuído em relação ao momento anterior em que estivera internado no mesmo hospício. Será que no seu delírio cotidiano os loucos leitores tomavam os livros

e não os devolviam? Aonde foram parar os livros que Lima Barreto não mais conseguia localizar?

No mesmo trecho faz referência também a quantidade de “delirantes” que lá, na biblioteca, “vão dar pasto a seu delírio, berros, gritos, fazer bulha com as cadeiras sobre o assoalho, não permitindo nenhuma leitura”. A reclamação do escritor com este entra e sai de pessoas e com o barulho que provocavam era em função de esse movimento delirante impedir a concentração necessária a sua leitura.

Assim, na biblioteca ele, Lima Barreto, como outros frequentadores deveriam fazer uma leitura silenciosa, própria dos leitores alfabetizados, para quem a percepção da intimidade do ambiente destinado à leitura obrigava a determinados comportamentos e práticas leitoras.

Por outro lado, a referência com pesar ao desaparecimento de um livro de Dostoiévski faz supor um tipo de leitura que era dependente da materialidade do escrito, como alerta Roger Chartier (2011). Uma brochura ricamente encadernada, com o nome do livro e do autor na lombada, impressa com esmero, ou seja, incluídas nos protocolos de autoria e de edição, enseja índices de apropriações dependentes dos protocolos que também se inscrevem nas materialidades textuais. E, mais do que isso, determina uma relação particular do leitor com o impresso.

Da mesma forma, Roger Chartier (2011) ao preconizar a apropriação dos traços das práticas de leitura no cerne das próprias representações e de suportes de leitura (as materialidades), está se referindo à possibilidade de a escrita que faz referência às práticas leitoras serem elas também representações de um sentido de leitura que existia em essência naquele mundo. Por outro lado, os textos são sempre escritos em materialidades que são determinantes das formas como se produz a leitura. Não é possível ler da mesma maneira um livro ricamente ornado depositado na biblioteca e mesmo esperado, como era o caso das obras de Dostoiévski a que se refere Lima Barreto, ou um jornal cotidiano que descrevia mais um crime de sensação.

Entretanto, os doentes produziam, no seu delírio habitual, uma relação com os textos extremamente particular. Na descrição a seguir, dos momentos fugazes de leitura de muitos internos, observamos que entrar no universo dos livros podia significar uma pausa no delírio habitual. Passando no corredor, vez por outra alguns entravam e saíam do salão da biblioteca, consultavam rapidamente os livros “durante minutos” e, enquanto o faziam se afastavam do delírio. Ao se afastar do livro, “desandavam a delirar”.

Os doentes continuavam a passar ao corredor, a entrar e a sair do salão, a tirar livros e consultá-los durante minutos, e, depois, desandavam a delirar. Um ou outro de fato lia, mas as obras mais vulgares que lá existiam. (LIMA BARRETO, 2010, p. 227)

A biblioteca funcionava em uma pequena sala, nos fundos da seção. Apesar das grades, da prisão, o lugar era agradável e a vista era da Enseada de Botafogo e Niterói ao fundo, permitindo ao escritor, nesse ambiente, sonhos e aventuras no mundo lá fora, mais uma vez através da leitura. Naquele momento de contemplação ele sonhou, cheio de melancolia, aventuras distantes:

Do que mais gostava, eram aquelas que se passavam em regiões exóticas, como a Índia, a China, a Austrália; mas, de todos os livros, o que mais amei e durante muito tempo fez o ideal da minha vida foram as Vinte mil léguas submarinas. Sonhei-me um Capitão Nemo, fora da humanidade, só ligado a ela pelos livros preciosos, notáveis ou não, que me houvessem impressionado, sem ligação sentimental alguma no planeta, vivendo no meu sonho, no mundo estranho que não me compreendia a mágoa, nem me debicava, sem luta, sem abdicação, sem atritos, no meio de maravilhas. (LIMA BARRETO, 2010, p. 103)

Para Lima Barreto, o livro de Júlio Verne permitia a ele se transmutar no próprio Capitão Nemo e a sua relação com o mundo, quando se tornava o herói da trama, passava a ser igualmente através de outros “livros preciosos”. Livros que podiam ter alguma notoriedade, ou simplesmente serem livros. Os livros permitiam ao escritor sair do seu mundo cotidiano, de delírio, de frustração e da vida partilhada com outros personagens da loucura para um mundo de sonho.

Nesse sonho não havia mágoa, não havia lutas, não havia perdas. Estava ele em “meio de maravilhas”.

Como leitor, Lima Barreto percebia as “senhas, explícitas ou implícitas”, que o autor inscrevia na sua obra “a fim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com sua intenção” (CHARTIER, 2011, p. 95). O escritor das Vinte mil léguas produziu um texto cuja intenção primeira era fazer com que o leitor se emaranhasse num universo de sonho e fantasia. Mas para o leitor Lima Barreto, o sonho e a fantasia significavam sair do mundo da loucura e ingressar num mundo de sonho que, ao mesmo tempo, era uma espécie de brecha na sua vida.

As convenções, sociais ou literárias, de que fala Chartier (2011) estavam lá inscritas, permitindo “sua sinalização, classificação e compreensão”, como também lá estava toda uma “panóplia de técnicas, narrativas e poéticas, que, como uma maquinaria, deverão produzir efeitos obrigatórios, garantindo a boa leitura” (CHARTIER, 2011). Mas o incontrolado para o escritor, que ultrapassa as convenções dizia respeito ao quem da leitura, ou seja, o leitor. No caso, dos loucos leitores o livro era possibilidade de se tornar um personagem de uma fantasia que os colocavam no mundo da normalidade. Para Lima Barreto, o sonho que a leitura produzia era a sua inscrição no mundo da vida.

O pequeno texto de Lima Barreto que transcrevemos a seguir, tais como outros que reproduzimos anteriormente, produz nos seus interstícios narrativos sinais que podem ser interpretados tendo em vista a recuperação de muitos processos comunicacionais, alguns que remetem diretamente aos modos de leitura e às práticas de comunicação.

O engraçado é que aqueles que eu não conhecia prontamente é que vinham a mim falar-me, e não veio um só; vieram muitos, e todos me trataram com afeto e respeito, conquanto me caceteassem, lendo o que escrevia ou lia, querendo o meu jornal... (LIMA BARRETO, 2010, p. 57)

O afeto e o respeito com que “todos” lhe tratavam; o fato de virem sempre “muitos” ao seu encontro, inclusive para “ler o que escrevia ou lia” indicam o

interesse dos outros loucos por Lima Barreto a partir do lugar simbólico que ocupava naquele ambiente: o de um produtor diferenciado da escrita no Hospital de Alienados. Ele, um escritor que produzia símbolos de permanente comunicação com o mundo que estava lá fora era motivo para o assédio que os outros, loucos como ele, lhe dirigiam.

Era ele, afinal, que escrevia cartas para os que não dominavam os códigos escritos e era ele também que corrigia as cartas de reivindicações, indicando a necessidade de um texto melhor elaborado que poucos podiam fazer. Mas ele era, mesmo estando rotulado momentaneamente como louco, reconhecido pelos outros como escritor, possuindo o saber advindo desse lugar. As cartas que corrigia estariam assim inscritas em outro paradigma textual indispensável em função do destinatário da escrita, no caso os dirigentes do hospício, a quem eram dirigidas as reivindicações.

A descrição sugere também que a sua leitura e sua escrita despertavam a curiosidade de muitos. E ao final da frase descreve que havia uma partilha de leitura entre eles, o que levava outros a quererem o “seu jornal”, ou seja, o exemplar que estava lendo naquele momento.

Os livros possuíam um lugar no imaginário dos loucos, sinônimo de informação e conhecimento, traço marcante, apontado por Lima Barreto. Ele descreveu vários títulos e se referiu a diversas leituras. A maioria dos loucos descritos também se apossava de livros, dos mais variados assuntos e do espaço da biblioteca. Além da divisão que existia dentro do hospício, no caso dos pensionistas, naquele ambiente, o livro representava *status*, algo especial, diante da miséria e do horror.

Os doentes de um modo geral, os menos letrados, procuravam as obras gerais, as mais populares, àquelas que eram classificadas pelo escritor como “as mais vulgares”. Eles circulavam pelos corredores, entravam e saíam, tiravam e liam os livros freneticamente das estantes. O movimento era contínuo, em pequenos grupos, uns imitando outros nos gestos e trajetões.

Os internos, com alguma formação, procuravam na biblioteca, livros com conteúdo mais complexo ou científico. Alguns livros eram retirados e permaneciam emprestados com os internos. Eles tinham a responsabilidade de mantê-los íntegros, em bom estado de conservação, para posteriormente serem devolvidos à biblioteca. Mas, a observação de Lima Barreto referente ao sumiço de muitas obras, referida anteriormente, faz supor que muitos desses exemplares não voltavam para as estantes.

Havia vários títulos na biblioteca que chamaram a atenção de Lima Barreto, “livros curiosos” que ele queria ler. Na sua narrativa enumera 16 deles. Dostoievski, *Les Possédés*; Dostoievski, *Les Humiliés et offensés*; Melo Morais, *Festas e tradições populares*; Rebelo da Silva, *História de Portugal*; Vapereau, *Dicionário das literaturas*; Dois volumes sobre finanças de Colbert; Félix Jousseau; Doniol, *História das classes rurais na França*; Marejkovski, *Romance de Pedro, o Grande*; Marejkovski, *La Mort des Dieux*²³; Marejkovski, *Roman de Leonard da Vinci*²⁴; Gérard de Nerval, *Bohême Galante*; Coleção *Biblioteca internacional de obras célebres*; *Carta de Heloísa*; e Lewes, *Biografia de Abelardo*.

O desejo de leitura do escritor era variado e mostra também o seu conhecimento da língua francesa. De Dostoievski, desejava a leitura de duas obras e de Marejkovski, três. Eram, sem dúvida, seus autores preferidos. A maioria dos livros objetos do desejo da leitura de Lima Barreto era constituída por livros imaginativos, romances, biografias, mas gostava igualmente de adquirir conhecimento pela leitura. Como explicar sua vontade de leitura de livros sobre finanças ou exemplares que abordavam a “história das classes rurais na França” ou a obra de Rebelo Filho sobre a história de Portugal?

A percepção da vontade de leitura do escritor por obras populares à época, como “*Carta de Heloísa*” ou a coleção “*Biblioteca internacional de obras célebres*” e ainda a “*Biografia de Abelardo*” mostra também que um leitor está

²³ Informado em nota pelo editor.

²⁴ Informado em nota pelo editor.

inserido num mundo cultural no qual as referências aos produtos que circulam extensivamente na sociedade o estimulam a fazer um gesto de leitura análogo. Assim, compreender as leituras e suas práticas significa também a compreensão da cultura, da sociedade e de suas regras, já que a informação escrita sempre faz parte de uma estrutura sociocultural e política (CHARTIER, 2011).

No quadro a seguir identificaremos alguns personagens, agora definidos como leitores, já apontados e detalhados anteriormente, enfatizando os aspectos específicos da leitura: suporte, tipo de leitura e características dessa prática.

Como remarca Roger Chartier (2007, p. 12-13) a produção não apenas de livros, mas dos próprios textos, é um processo que implica, “além do gesto da escrita, diversos momentos, técnicas e intervenções, como as dos copistas, dos livreiros editores, dos mestres impressores, dos compositores e dos revisores”.

O que o autor está destacando é que a apropriação estética e simbólica de objetos comuns – no caso livros e jornais – implica uma reflexão sobre práticas ritualizadas ou cotidianas, mas também “relações múltiplas, móveis e instáveis, estabelecidas entre o texto e suas materialidades, entre a obra e suas inscrições” (CHARTIER, 2007, p. 13).

Como um processo coletivo, a produção de um jornal e de um livro pressupõe a existência de numerosos atores e a não possibilidade de separação entre a materialidade do texto das textualidades existentes no livro e no jornal. A primeira, o livro, indica uma leitura em que o leitor pousa o livro sobre uma mesa ou sobre o colo e o folheia página após página, tendo inclusive na própria virada de página o momento de pausa obrigatória. Já no jornal, com outro formato, as estratégias editoriais permitem ao leitor, por exemplo, saltar páginas em direção ao assunto que mais lhe chama a atenção. A materialidade jornal indica uma leitura não linear, como a dos livros.

Por outro lado, a divisão do livro em capítulos, mesmo que muitas vezes essa divisão, como remarca Chartier (2002, p. 69), não tenha nenhuma necessidade narrativa ou lógica, introduz outros pressupostos da leitura realizada a partir da materialidade imposta ao leitor como possibilidade de

apropriação do texto. Uma leitura interrompida, com pontos de referência explícitos, com sequências breves e, sobretudo, com a introdução de pausas necessárias à construção de um outro texto pelo próprio leitor.

Mas a leitura indica também o gesto de um leitor singular, que mesmo inscrito num mundo cultural, realiza interpretações próprias, a partir de seu mundo particular, que, no caso dos personagens aqui identificados, faz do delírio possibilidade interpretativa do texto.

QUADRO II
Quem lia, o que lia, como lia?

Leitor	Suporte	Leitura	Característica
Lima Barreto	Jornal	<i>Sem informação</i>	Inicialmente, Jose Pinto arranjava os jornais para Lima Barreto
Lima Barreto	Livro	Volumes duplicados da coleção Biblioteca internacional de obras célebres	Primeiro contato de Lima Barreto com a Biblioteca nesta internação. Observou a mudança do espaço e do desfalque de certas obras
Lima Barreto	Livro	Plutarco	Leitura no dormitório
Lima Barreto	Livro	Pelópidas	<i>Sem informação</i>
Lima Barreto	Livro	Volumes duplicados da coleção Biblioteca internacional de obras célebres; Carta de Heloísa; biografia de Abelardo, por Lewes; A dor, do Alcindo; volume 24 da Biblioteca internacional de obras célebres	Leituras frequentes, diárias, na Biblioteca do Hospício.
F. P.	Carta	Leitura no pátio	Escreveu a uma pessoa da família.
F. P.	Jornal	Mantem o jornal embaixo do braço	O jornal é obtido com o médico
Lima Barreto	Jornal	<i>Sem informação</i>	Comprado na manhã seguinte da internação.
V. de O.	Jornal	Leitura compartilhada com Lima Barreto	Lima Barreto sentado em um banco no pátio, dividindo a leitura do mesmo jornal
Tipo acaboclado	Jornal	Qualquer fragmento de papel impresso	Sequioso de leitura

Leitor	Suporte	Leitura	Característica
Português	Jornal	Anúncios e outras coisas sem interesse	Procura qualquer jornal e chega ao ponto de retirar os "fragmentos dos jornais emporcalhados"
Lima Barreto	Jornal	Crimes de repercussão.	Oficial do Exército matou a mulher
Engenheiro	Jornal	Leitura da "Gazeta de Notícias, de cabo a rabo"	Lia o dia inteiro o jornal. Vivia na Biblioteca, lendo em voz alta o jornal.
"Capitão de polícia"	Livro	Dicionário ilustrado do Pinheiro Chagas	Leitura na janela do dormitório
"Capitão de polícia"	Jornal	Jornais velhos	<i>Sem informação</i>
Matuto de Cabo Frio	Livro	<i>Sem informação</i>	Furtou um livro de Lima Barreto que estava debaixo do colchão
Gato	Jornal	<i>Sem informação</i>	Troca cigarros por jornais; troca jornais por lenços
Gato	Livro	<i>Sem informação</i>	Rouba livros para trocar por qualquer coisa ou vender
Lima Barreto	Livro	Livro sobre geografia e fisiografia do Mar Vermelho	Leitura na Biblioteca
"Um maluco"	Livro	Lima Barreto com um livro debaixo do braço	Viu a cena e disse: "Isto aqui está virando colégio."
F. P.	Livro	Estudo sobre moléstias crônicas, em francês	Livro no quarto
F. P.	Livro	Livro de Matemática em alemão	<i>Sem informação</i>
F. P.	Livro	<i>Sem informação</i>	Possui livros que não lê

Leitor	Suporte	Leitura	Característica
F. P.	Jornal	<i>Sem informação</i>	Possui jornais que não lê
F. P.	Jornal	<i>Sem informação</i>	Apesar da proibição do diretor, todos possuíam jornais.
Engenheiro	Jornal	<i>Sem informação</i>	Apesar da proibição do diretor, todos possuíam jornais.
F. P., Engenheiro, Gastão	Jornal Revista	<i>Sem informação</i>	Apesar da proibição do diretor, todos possuíam jornais. Todos pediam para Lima Barreto cigarros, fósforos, jornais e revistas. Ele dava dinheiro para comprar jornais e revistas.
Doentes de um modo geral	Livro	Obras gerais e as mais vulgares da Biblioteca	Enquanto Lima Barreto estava na Biblioteca, observava a circulação dos doentes pelos corredores. Entravam e saíam, tiravam e liam os livros das estantes.

Fonte: BARRETO, Lima. *Diário do Hospício*. Elaborado pela Autora.

Analisando o quadro anterior, que procurou sistematizar o que liam os internos, como liam e como a leitura chegava até eles, observa-se mais uma vez que havia o predomínio da leitura dos jornais em detrimento dos livros. Nas referências explícitas à leitura dos internos Lima Barreto anota quatorze vezes à leitura dos jornais, enquanto os livros merecem treze menções.

Em relação aos lugares da leitura, enquanto os livros eram lidos com frequência na biblioteca ou nos dormitórios, os jornais espalhavam-se pelos pátios do hospício, seja como objeto de uma leitura partilhada ou coletiva, seja sendo carregado pelos leitores. Alguns os carregavam debaixo do braço, mas havia também os que guardavam todo e qualquer pedaço de jornal velho que encontrassem.

A indicação dos lugares de leitura diferentes em função da materialidade do impresso – se livros ou jornais – mostra também o pacto do leitor em relação

ao objeto da sua leitura. A expectativa pré-existente em relação ao objeto (livro ou jornal) faz com que se busque lugares específicos para o ato de leitura. Enquanto, o livro era preferencialmente lido em lugares que mostram um como da leitura de maneira individual e silenciosa (a biblioteca e o dormitório), os jornais eram habitualmente objetos de uma leitura coletiva ou partilhada. Sentado em um banco no jardim, um interno podia dividir a leitura do jornal com um outro ou ainda este podia ser lido em voz alta, fazendo com que mesmo aqueles que não eram habitualmente leitores tivessem contado com o mundo que surgia daquelas letras impressas transformadas em palavras.

A indicação frequente de que “todos possuíam jornais” e de que muitos os carregavam próximo ao corpo ou ainda guardavam edições antigas, mostra relações com o jornal que extrapolam a leitura em busca das notícias do mundo lá fora. O jornal era parte de um corpo no delírio cotidiano, mas era também objeto deslocado de seu sentido original: a guarda de pedaços diversos de papel que um dia foram partes de um jornal faz presumir um uso que vai além da sua leitura. O jornal servia como uma coleção de memória do delírio de alguém que reconhecia ali, nos pedaços de velhas edições, uma outra utilidade que não a leitura. O jornal servia também para esquentar a cama nas noites de frio ou para ser usado como artefato para completar o solado de um sapato surrado.

Havia também aqueles que faziam questão de possuir um jornal, embora, segundo Lima Barreto, não fossem objetos de leitura. Portanto, ter um jornal podia significar estar próximo de um mundo que só era visível pelas narrativas reproduzidas nas páginas dos periódicos, ainda que nele não se pudesse (ou quisesse) ingressar.

Múltiplas marcas da oralidade (HAVELOCK, 1996) estão presentes na forma como os loucos fazem a sua leitura: leem em voz alta, compartilhavam a leitura, liam os jornais o dia inteiro, o que permite pensar numa leitura ininterrupta, caminhando, gesticulando, num delírio que entremeia voz e gesto, palavras faladas e gritadas.

Na sistematização do quadro também aparece os locais de guarda dos livros e dos jornais. Enquanto os primeiros ou estavam nas estantes da biblioteca

ou eram guardados em locais seguros, como “debaixo do colchão”, os jornais estavam a vista de todos: afinal, “todos possuíam jornais” e andavam com eles debaixo do braço, pelo pátio, no delírio cotidiano nos corredores, nos bancos nas horas mortas do dia. Eram ainda objetos de escambo: podia-se trocar jornais por cigarros e lenços por jornais.

O livro era percebido, portanto, como mais valioso. Era objeto de roubo, como fez o Gato, que roubava livros e qualquer coisa para vender. Também o Matuto de Cabo Frio foi capaz de encontrar o livro de Lima Barreto, debaixo do colchão, e o furtou.

Se os livros que liam iam dos “vulgares”, que podiam ser encontrados nas estantes da biblioteca, aos dicionários e tratados de matemática, em alemão, nos jornais as chamadas notícias de sensação tinham a preferência daqueles leitores. O Engenheiro lia a “Gazeta de Notícias de cabo a rabo” e vivia na biblioteca lendo em voz alta aquele jornal. Mesmo Lima Barreto não se furtava a ler os “crimes de sensação”, como a notícia do assassinato da mulher por um oficial do Exército. No *Correio da Manhã*, de 14 de janeiro de 1920, na página 3, o jornal destacava: Tragédia da rua da Lapa. Para em seguida resumir: “Um oficial porque a esposa não quisesse voltar para sua companhia alvejou-a a tiros de revólver”²⁵.

Outra observação que chama a atenção foi a proibição da direção para a entrada de jornal no hospício, numa tentativa de não deixar os internos lerem as notícias que, a partir do final de janeiro de 1920, falavam as rebeliões que ali tiveram lugar²⁶. A tentativa de impedir a leitura das notícias sobre as rebeliões do hospício indicam, entretanto, o sentido que possuía a leitura dos jornais para a direção do hospital. A leitura era vista como a possibilidade de estabelecer elos com um mundo que não deveria fazer parte do cotidiano daquele público.

²⁵ Essa notícia será objeto de análise no capítulo 3.

²⁶ Analisaremos essas notícias sobre as rebeliões no Hospital dos Alienados em janeiro de 1920 no próximo capítulo.

A questão dos leitores loucos já foi apontada por Marialva Barbosa em seu livro *História Cultural da Imprensa. Brasil 1800-1900*. Destacamos o capítulo sobre o leitor²⁷ e suas diversas categorias e tomamos como ponto de partida a seguinte afirmação: “Os excluídos também são leitores”. Segundo Marialva Barbosa, a leitura para os loucos pode representar a necessidade de conexão ao mundo normal e a ilusão momentânea de fuga da sua realidade.

A leitura desses diários tem para os leitores significações que decorrem não apenas dela mesma, mas de forma como eles se colocam no mundo. (...) um interno do hospício em seu delírio cotidiano (...) cada um deles possui uma leitura particular. Cada um deles – leitores potenciais de periódicos – entende de forma diferenciada os sinais daquelas páginas. Cada um deles se apropria do texto, construindo leituras diversas, no momento em que levanta a cabeça, olha ao redor ou simplesmente foge da sua realidade mergulhando naquele universo particular. (BARBOSA, 2010, p. 219)

Ao dar entrada no hospício, um dos problemas que mais preocupava Lima Barreto era a dificuldade inicial para obter os jornais diariamente. Uma vez na “prisão”, só era possível obter os jornais através das visitas dos parentes, em dias específicos, de forma esporádica. Assim, podemos afirmar que Lima Barreto era um leitor frequente de jornais, tendo em função também se sua profissão (afinal era jornalista) o hábito de ler jornais diariamente.

Na Seção Pinel tudo era mais difícil, mas Lima Barreto encontrou José Pinto, um conhecido há mais de vinte anos, ainda quando era estudante. Ele fornecia jornais e cigarros e o levava para passear pelo hospício nas tardes de domingo. Um alívio para Lima Barreto! Na volta do passeio, sentado em um banco, podia desfrutar das notícias da semana.

²⁷ BARBOSA, Marialva. Leitor: esse ilustre conhecido: os excluídos também são leitores. In: BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*: Brasil - 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. Cap. 7. p. 201-226.

Na semana seguinte, ao ser transferido para a Seção Calmeil, as acomodações eram melhores, porém, Lima Barreto não tinha com quem conversar. A vantagem, nesse caso, foi o acesso à biblioteca. O horário era restrito, mas suficiente para boas leituras. Observou a mudança de espaço, mas diante de tantas adversidades o que realmente importava era que a biblioteca ainda estava lá. O mobiliário permaneceu o mesmo, mas alguns livros foram extraviados, como já assinalamos provavelmente retirados por internos e não devolvidos.

As obras para entretenimento foram localizadas nas estantes. Com muita satisfação Lima Barreto selecionou alguns volumes para sua leitura. Agradável surpresa ao se deparar com volumes duplicados da coleção Biblioteca Internacional de Obras Célebres. Uma leitura conjunta com companheiros de dormitório, cada qual com seu exemplar, renderia um bom debate. Começaremos com “A dor, do Alcindo”, volume 24, da coleção, para uma leitura local. Lima Barreto aproveitou a oportunidade e retirou por empréstimo, dois volumes: Plutarco e Pelópidas. O horário de lazer dos internos já estava encerrado e a única possibilidade era mesmo a leitura no dormitório.

No dia seguinte, em pleno janeiro de 1920, verão, F. P., agitado, em surto, com delírio de grandeza, após o café da manhã, recitava aos berros no pátio a carta que escrevera no dia anterior e que seria entregue à família. Bastante infantil a letra, seu conteúdo revelava, segundo F. P., suas características extraordinárias, e que todos de sua família deveriam saber, como talento, força e poder de Deus formidáveis.

F. P. estava sempre com um jornal embaixo do braço. Conseguia-os, com relativa facilidade, pedindo aos médicos de plantão. Não emprestava para ninguém, somente para Lima Barreto, sempre com a condição de fazer as leituras de sua escolha, em voz alta. Os jornais, apesar de serem das semanas anteriores, eram desejados por todos. Lima Barreto, na manhã seguinte da internação, com recursos próprios, já havia pedido para que um guarda da enfermaria comprasse o seu próprio jornal, um exemplar do *Correio da Manhã* do dia 26 de dezembro. E assim foi durante toda a sua internação. Sempre que

podia, com algum dinheiro deixado pelos parentes, pelo seu irmão, obtinha os jornais atuais, através das gentilezas dos guardas e inspetores.

Além dos jornais, F. P. ostentava livros no dormitório. Na sua mania de grandeza se voltava para os títulos em francês, Estudo sobre moléstia crônica e, em alemão, livro de Matemática. No auge do delírio de saber, encarnava um conhecedor das doenças e teimava em discutir com os médicos determinados procedimentos. Possuía vários jornais e livros, mas não os lia, também não os emprestava. Era a sua biblioteca particular. O seu mundo particular.

V. de O., apesar da mania de perseguição e grandeza, nutria uma certa simpatia por Lima Barreto. Sempre que via Lima Barreto sentado em um banco no pátio, na sua leitura diária, insistia em dividir a leitura do mesmo jornal. Seu interesse era, principalmente, ler o jornal, mas recitando seus versos ao mesmo tempo.

Os loucos silenciosos também eram ávidos por leitura. O “Tipo acaboclado” apesar do mutismo, diariamente saía para o pátio do hospício a procura de papéis impressos e jornais. Ao encontrá-los, se colocava em posição solene, todo embrulhado em trapos, quase num ritual, e fazia a leitura com a expressão séria e preocupada em seu rosto e em seguida guardava mais um fragmento. Não importava o tamanho do pedaço de papel, por mais minúsculo que fosse, não importava se estivesse rasgado ou não, todos os fragmentos eram importantes. Era uma coleção.

Um outro louco leitor, o “Português”, em seu delírio, tinha como missão recolher todos os jornais, mesmo aqueles emporcalhados, os utilizados nas latrinas, em busca de anúncios e outras leituras de menor importância. Com toda a paciência do mundo, retirava os fragmentos para procurar o anúncio certo, aquele que teria sido escrito para ele, com instruções precisas e orientações. Quando não estava em missão, era fácil encontrá-lo em algum vão de janela, deitado, totalmente imóvel, por horas a fio.

O “capitão de Polícia” também tinha a mesma mania de juntar jornais velhos. Uma obsessão, a necessidade de acumular jornais. Disputava a janela do dormitório para a sua leitura diária do Dicionário ilustrado do Pinheiro Chagas.

Lima Barreto era realmente a referência em leitura para os loucos. Para alguns, ver Lima Barreto circulando pelo hospício sempre com livros ou jornais debaixo do braço tinha várias interpretações. Para “Um maluco” significava uma cena corriqueira de algum colégio: um aluno, Lima Barreto, atravessando o pátio da escola com um livro na mão. Provavelmente, caminhando em direção à Biblioteca para devolução ou leitura do livro. O assunto era geografia e fisiografia do Mar Vermelho.

Para outros, como o “Gato”, o livro era objeto de desejo e tinha valor. Servia também como moeda de troca. Apesar da idade e formação roubava livros e jornais. Os jornais eram trocados por lenços e cigarros. Cigarros também eram trocados por jornais.

O “Matuto de Cabo Frio” apesar de completamente estúpido, furtou um livro de Lima Barreto que estava debaixo do colchão. E o “Engenheiro” em seu delírio de grandeza, todos os dias ia até a Biblioteca, levando um exemplar do jornal “Gazeta de Notícias”. Iniciava então a leitura da primeira página até a última, em voz alta. Mesmo com toda a sua arrogância convocava os que estavam pertos, para partilhar a sua leitura. Com a voz impostada, ia relatando as notícias para a sua plateia.

Lima Barreto teve acesso ao jornal que noticiava o assassinato da mulher do Oficial do Exército. É o “Oficial 2”, interno, que optou pela internação no hospício. Provavelmente ficou com receio de ir para a prisão comum, contando com possíveis regalias no hospício, pois era melhor viver entre “loucos que não sabem de nada” a sofrer todo tipo de humilhação entre marginais. O “Oficial 2” era culto, educado e tinha gosto pela leitura. Boa conversa, boa cultura geral.

Já F. P., Engenheiro e Gastão pediam o tempo todo para Lima Barreto cigarros, fósforos, jornais e revistas. Ele, generosamente, dava dinheiro para comprar jornais e revistas. A informação circulava no dormitório, no pátio e na biblioteca, para quem tivesse interesse.

No próximo capítulo, a partir de quatro notícias publicadas nos jornais naqueles meses em que Lima Barreto esteve internado no Hospital dos Alienados faremos o exercício interpretativo e desvendar as possíveis apropriações que ele, como leitor, fez daquelas narrativas.

As notícias são: duas sobre a rebelião no Hospital dos Alienados, a primeira do dia subsequente a revolta e a segunda uma continuação da notícia, publicada dois dias depois. Já a terceira que faz referência a um dos “crimes de sensação” que provocava debates acalorados por aqueles dias e, finalmente, a última que evoca um suicídio que ocorreu num dos pavilhões do hospício.

Os assassinatos, os crimes, as tragédias eram destacadas nos jornais e produziam comentários de todas as ordens. A inclusão desse tipo de notícia tinha sido mesmo responsável pela popularização dos periódicos desde o início do século XX (BARBOSA, 2007). Mas os anos 1920 foram o momento de maior destaque na imprensa para este tipo de notícia. Segundo Barbosa (2004), a popularização dessas temáticas nos jornais ganhará força na década de 1920 com o surgimento de jornais inteiramente dedicados aos escândalos e tragédias cotidianas, como *Manhã* e *Crítica*. Também a partir dessa década, esse tipo de conteúdo se espalhará por diversas publicações destinadas a um público popular, como foi o caso do *Correio da Manhã*.

Como enfatiza a autora, esses textos se adaptaram também no que diz respeito à forma ao gosto e aos hábitos das leituras populares, isto é, manchete resumindo o drama, adoção de tipos mais fortes para os títulos e, ao lado do texto, a cena da tragédia ou o rosto da vítima numa fotografia. Os títulos seguidos por subtítulos resumiam o drama. Uma frase slogan marcava a nova tragédia a

ser desenvolvida em capítulos. Normalmente, a palavra tragédia mostrava claramente que se trata de mais um drama cotidiano.

3. LEITURA DOS LOUCOS LEITORES

Esse leitor pertence a uma mesma comunidade, no caso a comunidade do público, compartilhando nesse universo as mesmas habilidades, códigos, hábitos e práticas. Como público dos jornais, sabe o significado das letras impressas, reconhece aqueles impressos como os diários que reproduzem as informações do mundo. Como público, lê o jornal sozinho, em voz baixa, em voz alta, para um outro, para um grupo, numa infinidade de hábitos e práticas que se desenvolvem. (BARBOSA, 2010, p. 202)

Encontramos no *Diário do Hospício* diversas referências aos jornais, livros e revistas que circulavam entre os loucos, deixando ver uma rotina de leitura como algo natural no ambiente do hospício, prática corrente entre os internos, guardas, enfermeiros e médicos. Lima Barreto reclamava do recebimento irregular dos jornais por parte dos parentes, embora os periódicos circulassem amplamente e com regularidade. No hospício, os jornais eram comprados, entregues por parentes na visitação e, a partir daí, compartilhados.

A partir de Lima Barreto, que deixou inscrito no presente vestígios de como os loucos realizavam suas leituras, podemos afirmar que os loucos eram leitores reais. Se apropriam dos suportes e interpretam as mensagens dos textos e das notícias. Dentro do delírio, interpretam as palavras impressas de maneira particular, individual, atribuindo significados próprios.

Segundo Chartier (2011), em seu debate com Bourdieu²⁸ no capítulo “A leitura: uma prática cultural”, o conceito de leitura, especificamente da palavra leitura, é bastante abrangente, pois designa toda espécie de consumo cultural, práticas culturais. Para ele, somos todos leitores, com necessidades específicas.

²⁸ Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. CHARTIER, Roger (dir.). A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (dir.) *Práticas da leitura*. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 231-253.

Para os loucos, tal necessidade é real, seja para aproximação com o mundo real, com a realidade, com a normalidade, no momento do delírio, da crise, seja de fuga, uma ilusão momentânea, da sua condição marginal.

Ao falar da leitura dos excluídos, Marialva Barbosa (2010) indica as possibilidades interpretativas da leitura presumidas por um público múltiplo e plural. Mulheres leitoras, crianças, loucos, prisioneiros e trabalhadores, todos produzem interpretações variadas a partir da leitura que realizam. Se a leitura é histórica e social, está também imersa em significações que ganham sentido a partir de realidades individuais.

Percebida dessa forma, evidentemente essa leitura tem significações peculiares e, ao mesmo tempo, plurais, em função das realidades individuais: ler os crimes de sensação evoca uma recordação do passado, a identificação de rostos conhecidos; ler sobre as mudanças que se operam no mundo lá fora, faz visualizar a realidade, sentindo-se ao mesmo tempo, ainda que pela leitura, parte desse mundo. Certamente não é a polêmica que interessa a esse leitor. Ele pode também, como o missivista de Coelho Netto, querer tão-somente se emocionar, amenizar a sua dor e a sua mágoa com histórias semelhantes recontadas diariamente. (BARBOSA, 2010, p. 219)

Em relação às notícias, às construções dos textos e à forma como são elaborados, Chartier aponta a existência de protocolos de leitura para a sua prática. Esses protocolos estão no texto, mas também no que é produzido a partir do material tipográfico. São os protocolos de edição ou impressão, determinados para definir e direcionar o seu “leitor-ideal” e não aqueles necessariamente definidos pelo autor, que elaboram a escrita direcionando a sua intenção e adotando elementos no texto para induzi-lo a uma interpretação. Mas mesmo com a interferência do editor, lançando mão dos recursos tipográficos e visuais, as apropriações do texto pelo leitor são totalmente imprevisíveis e particulares, dando “à leitura o estatuto de uma prática criadora, inventiva,

produtora”. (CHARTIER, 2011, p. 78). Reforçando essa ideia, Marialva Barbosa (2010) afirma:

O leitor usa de uma lógica simbólica que associa o texto a outras ideias, imagens e significações, produzindo um suplemento de sentidos que foge aos limites estreitos das significações possíveis encontradas naquele impresso. O texto é feito para um leitor imaginário que se torna real (BARBOSA, 2010, p. 202).

Portanto, a compreensão da leitura só se completa se for possível presumir as significações que o leitor do passado (ou do presente) construiu a partir de um texto que mescla seu mundo individual com o mundo social e está repleto das múltiplas significações resultantes do cruzamento desses dois mundos.

Reconstruir a leitura, portanto, é apreender a lógica simbólica da narrativa no espaço cultural no qual o leitor se insere. Remontando essas formas de apreensão do texto e as maneiras como se apropriam dos textos, estaremos reconstruindo a leitura. (BARBOSA, 2010, p. 202)

Roger Chartier afirma que mesmo a ação dos produtores (autores, editores, etc.) orienta a escolha dos textos para aqueles que “alimentam as piedades mais comuns” ou celebram as formas ordinárias do cotidiano. Assim, há uma preferência pelas histórias que “obedecem a certas estruturas narrativas, ao mesmo tempo descontínuas e repetitivas, que sobrepõem os fragmentos, empregam várias vezes os mesmos motivos”. Essas histórias ignoram “intrigas complicadas que requerem uma memorização exata dos acontecimentos ou das personagens” (1989, p. 173).

Ou seja, o que o autor está destacando é a repetição de determinadas estruturas textuais que apelam a valores, mais até do que determinadas

temáticas, e que se conectam as competências culturais do público.

O mesmo Chartier também destaca que embora sendo diversa e, sobretudo, aberta a diversos tipos de apropriações realizadas pelos leitores, a leitura é sempre uma prática cultural, que conecta grupos em torno do movimento da leitura. Mais do que os modos de leitura, é preciso perceber que há sempre leituras múltiplas, mas ao mesmo tempo há aproximações nas práticas em grupos que se formam pela leitura que realizam, ainda que se deva considerar sempre o complexo mundo social aonde vivem.

(...) Não implica sempre uma relação íntima entre o leitor solitário e o livro ou o jornal que é a sua leitura? Uma prática cultural, portanto, mas que naturalmente é a de (quase) todos e para todos idêntica. Além disso, podemos reconhecer o contraste entre grandes leitores e leitores de ocasião, entre *lectores* profissionais, para os quais ler é sempre mais ou menos gesto de trabalho, e todos aqueles para quem o encontro com os textos é simples informação ou puro divertimento. Os primeiros, não há dúvida, têm dificuldade em aceitar que existem outras leituras além da sua, ou ainda em conceber que entre sua leitura de doutos e as da maioria existem outras diferenças afora estas: ler muito ou pouco, rápido ou lentamente. (CHARTIER, 2011, p.19)

Analisando as notícias que faziam o sucesso dos jornais diários populares nos anos 1920, Barbosa enfatiza que essas narrativas obedeciam a uma lógica própria, na qual o narrador era encoberto pelos gestos, pelas palavras, pela vivência dos personagens presentes nos relatos. O jornalista, observando como se fosse o sujeito onipresente da narrativa, compunha uma fórmula textual intermediária, aonde personagens e narradores assumiam lugares narrativos intercambiáveis (2004).

Essas narrativas mesclavam dramas cotidianos, melodramas, com textos que interpelavam a imaginação de um público que se movia entre o sonho e a

realidade. A realidade presumida era percebida e sonhada no cotidiano para seguir ser vivida, deixando evidente uma espécie de “fluxo do sensacional que interpela o público a partir de uma narrativa que mescla o ficcional com a suposição de um real presumido” (BARBOSA, 2004).

3.1 A REVOLTA NO HOSPÍCIO

28-1-20. O diretor proibiu a entrada dos jornais.

Os Jornais foram proibidos, mas todos tinham jornais, entre eles F. P. e o tal engenheiro C... P... Aquele moço bem alto, que não emprestava a ninguém, olhando para mim, ele que não cessa de pedir-me cigarros, fósforos, jornais e até dinheiro eu lhe dei para comprar revista. Contudo, o Gastão dos cigarros guarda um para mim. O maluco é em geral mau e egoísta, especialmente o Porto, cujo delírio é de grandeza. Raro é o liberal e agradecido. Só aqueles que caem em profunda loucura é que perdem o sentimento de propriedade. Descobri quem me furtou o livro. (LIMA BARRETO, 2010, p. 135)

É importante destacar que os jornais no hospício foram proibidos pelo diretor após os episódios violentos ocorridos no final de janeiro de 1920. Na tentativa de evitar mais rebeliões, a direção não permitiria a divulgação e repercussão do que ocorrera nos jornais. De nada adiantou a proibição, pois de um modo ou de outro, todos tiveram acesso aos jornais.

Neste capítulo selecionamos e interpretamos três notícias dos jornais *Correio da Manhã*²⁹ e *Gazeta de Notícias*³⁰ que circularam no hospício enquanto Lima Barreto lá esteve internado. São notícias do período de novembro de 1919 até fevereiro de 1920.

Consideramos através das pistas deixadas por Lima Barreto que foram esses os jornais que compunham o cenário das práticas de leitura dentro do hospício, daí a escolha dessas notícias. Consideramos também o hospício como “espaço da recepção”, pois é nesse ambiente de delírio que as mensagens serão redesenhadas:

É preciso considerar essas publicações e seu conteúdo no espaço da recepção já que é nesse universo que as mensagens adquirem sentido. O receptor constitui um universo cultural complexo (...) (BARBOSA, 2004, p. 7)

Por outro lado, presumindo a possível inscrição do leitor no texto objeto de sua leitura, partimos do pressuposto de que é possível não apenas localizar o leitor no texto, como também visualizar prováveis apropriações que fazia daquelas leituras (BARBOSA, 2007).

Transcrevemos as notícias para melhor compreensão e, em seguida, estabelecemos possíveis interpretações dessas apropriações que os loucos faziam nos delírios da leitura.

²⁹ A primeira edição do jornal circulou em 15 de junho de 1901. Fundado pelo jovem advogado Edmundo Bittencourt, o **Correio da Manhã** é considerado hoje um dos mais importantes jornais brasileiros do século XX, introdutor de uma ética própria e de refinamentos textuais que se transformariam na sua marca. Nascido numa época em que a imprensa costumava fazer sempre o jogo do poder, o periódico construiu uma auto imagem de independente, liberal e doutrinário, dentro de uma linha editorial combativa. Identificava-se com a classe média do Rio de Janeiro e apresentando muitas vezes aos leitores textos de forte carga emocional. FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro) (Org.). **Hemeroteca Digital Brasileira**. 2014. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 09 set. 2014.

³⁰ A **Gazeta de Notícias** foi um periódico publicado no Rio de Janeiro, do último quartel do século XIX até 1942. Fundado por Manuel Carneiro, Ferreira de Araújo e Elísio Mendes, circulou a partir de agosto de 1875. Inovador em seu tempo, barato e popular, vendido a 40 réis, logo que foi criado, abriu espaço para a literatura (publicava também folhetins) e debatia os grandes temas nacionais. SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

A primeira noticia objeto da interpretação das possíveis apropriações que os loucos leitores faziam é exatamente aquela que divulga a revolta no hospício. Publicada, no Correio da Manhã, em 28 de janeiro de 1920, destaca logo abaixo do título o nome daquele que teria sido o incitador da rebelião: "Roberto Duque Estrada, o perigoso alienado, cabeça do movimento, só se submetten á força, depois de ferir seis enfermeiros"

UM QUADRO DOLOROSO
O despejo de tres familias na rua Matos Rodrigues
Duas creanças agonizam ao relento!

A rua Matos Rodrigues, no Rio Comprido, foi o teatro de um drama mais do que doloroso...

Na noite que commença a ordem providida de luz, expulsa, com a família de cinco pessoas...

Uma propria policia local, que tinha a obrigação imperiosa de não permitir aquella scena de dolorosa miseria...

Uma consulta da "Sul America" ao director da Recebedoria Federal
Respondendo a tres consultas que foram dirigidas pelo sr. Rodolpho Fernandes de Macedo...

SASTRE
de um morte
ssageiros
de um morte
ssageiros

OLHOS
de um morte
ssageiros

NA ILHA DAS ENXADAS
O TENENTE AVIADOR PETIT FOI VICTIMA DE UM ACCIDENTE

Na Enxada das Enxadas, ocorreu hum acidente de avião...

ARSENICO BRANCO PURO
22. Wernick, 24. Avenida
Av. Rio Branco, 20.

Uma assembleia no Gremio dos Alfaiates Contra-Mestres
Podem-hos da secretaria do Gremio dos Alfaiates Contra-Mestres...

Um deputado italiano expulso do partido

Roma, 27. O parlamentarismo que o deputado Felipe Turati foi expulso do partido socialista...

UMA REVOLTA NO HOSPICIO

Roberto Duque Estrada, o perigoso alienado, cabeça do movimento, só se submetten á força, depois de ferir seis enfermeiros.

Dos planos diabolicos dos loucos constou tambem o incendio!

Não são muito communs entre nós as revoltas nos presídios e manicômios, embora a indiferença dos poderes publicos por estabelecimentos que deveriam merecer de seu parte o maior cuidado favoreça grandemente uma dessas situações...

Só o emprego da força militar pôde suffocar o movimento!

O coronel Mattoso Mala, administrador do Hospício, em face da grave situação, accorreu ao Exército para pedir a intervenção da força militar...

Seis enfermeiros feridos - Quinze revoltosos são removidos para a Casa de Detenção

Os enfermeiros da secção "Lombroso" como dissemos, foram enfrentados um grande perigo na luta estabelecida entre os revoltosos e seis delles, Joazeiro Fernandes Cruz, Miguel Moraes, Alexandre Ribeiro, Cleozer Barbosa, Leolino de Oliveira e Benedicto Borges Ribeiro...

Vae ser apressada a construção do manicômio criminal

Como se sabe, foi votada verba pelo Congresso para creação de um manicômio destinado, exclusivamente, a alienados delinquentes...

ROUPAS DE BANHO GRANDE VARIEDADE Marc'ROYAL

VANADIOL E' de um gosto delicioso. E' o melhor fortificante geral. Poderá ser usado pelas creanças fracas e magrinhas, pelas moças anemicas e pallidas, pelas senhoras enfraquecidas e debilitadas, pelos velhos cansados e doentes e especialmente pelos convalescentes. 3 vidros são o sufficiente para encerrar alguns kilos. O Vanadiol

FIGURA 2 - CORREIO DA MANHÃ, 28 jan. 1920.

UMA REVOLTA NO HOSPICIO³¹

Roberto Duque Estrada, o perigoso alienado, cabeça do movimento, só se submeteu á força, depois de ferir seis enfermeiros.

Dos planos diabólicos dos loucos constou também o incêndio!

(...)

A obra de homem-féra

Entre os enfermos recolhidos ao manicômio da praia da Saudade, figura o delinquente Roberto Duque Estrada Godffroy.

Trata-se de um homem de mãos iiiinstinctos e mais desabonadores precedentes, com quatorze entradas na Casa de Detenção.

Em toda a polícia é conhecido esse terrível alcoolatra, que durante muitos anos, foi autor de scenas as mais terríveis nas ruas da cidade. A sua prisão e consequente conducção para a delegacia importava na vinda de “Viuva Alegre”, sendo difícil mesmo aos muitos soldados que dele se acercavam, a empreitada imposta pela moral pública.

Depois de muitas lutas, em que se houve sempre com o maior “brilhantismo” Roberto foi para o Hospício, onde se mostrou um incorrigível em todas as suas manifestações.

A última façanha de Duque Estrada contamol-a, não há muito dias, foi a de ter fugido do pavilhão a que se achava recolhido, subindo ao telhado, e dahi alvejado transeuntes e vehiculos que passavam pela Rua General Severiano.

A offensiva assumida pelo louco foi tal que o trafego ficou paralyzado, sendo necessário o auxilio do Corpo de Bombeiros para tiral-o do seu “entrincheiramento”.

Roberto foi levado, então, para a secção dos loucos delinquentes, denominado “Lombroso”³², o que fez crescer mais ainda no seu cérebro doentio a idea de vingança. (...)

³¹ As notícias foram transcritas fielmente dos jornais da época.

³² Os alienados delinquentes e os condenados alienados, somente poderão permanecer em asilos públicos nos pavilhões que especialmente se lhes reservem. Como consequência da lei, foi instalada uma enfermaria destinada à internação dos alienados delinquentes e à observação dos acusados suspeitos de alienação mental no Hospício Nacional de Alienados.

Lima Barreto relata no seu *Diário* o primeiro incidente do interno Roberto Duque Estrada Godffroy:

D. Estrada. Veio o corpo de bombeiros, com uma escada para tirá-lo de cima do telhado. Ele partiu as telhas e pôs-se a atirá-las em cima do povo que assistia o espetáculo do lado da rua. Não parece intimidado. Está seminu e, apesar de saber perfeitamente que está tomado de loucura alcóolica, de pé, na cumeeira do pavilhão, destinado à rouparia, como que vi, naquele desgraçado, a imagem da revolta. (LIMA BARRETO, 2010, p. 121)

Na semana seguinte, no dia 27 de janeiro de 1920, estoura a revolta, liderada pelo mesmo Duque Estrada, relatada por Lima Barreto e amplamente noticiada no dia seguinte pelos jornais:

Revolta dos presos na casa-forte, às sete horas da noite. Baderna etc. A revolta é capitaneada pelo Duque Estrada, o tal que subiu no telhado. Estão chegando bombeiros e força de polícia. Previ isto. Os revoltosos são vizinhos de quase metade da Seção Pinel. Armaram-se de trancas. Vejo-os cá de cima. O resto da Seção Pinel mantém calma. A nossa está quase sem guardas nem enfermeiros, mas a atitude de todo é de curiosidade. Um acontecimento desses quebra a monotonia e distrai. (LIMA BARRETO, 2010, p. 133)

Na posição de espectador que previra o acontecimento, Lima Barreto observa toda a movimentação do andar superior do pavilhão onde estava encarcerado. Relembrando fatos anteriores, como a alucinação que tivera antes o líder da revolta, o escritor destaca a curiosidade que toma conta de todos. Era de fato um acontecimento que quebrava a monotonia e distraia.

O Ferraz diz que o Sant'Ana é vítima de inimigos traiçoeiros, por ser mulato. Sant'Ana é um velho empregado da assistência e muito bom para os doentes em geral. Ferraz, em seguida, acrescenta que ele é um homem velho, tem quatrocentos e vinte

anos, já foi Márcio Néri e outros despautérios que eu não pude guardar; mas pode com ele todos. O que é evidente é que alguém fornece meios e modos ao D. E. para ele fazer esses escândalos todos, no intuito de desacreditar alguma pessoa influente no Hospício ou mesmo toda a diretoria. A rua encheu-se; há um movimento de carros, automóveis com personagens, e força de polícia e bombeiros; há toques de corneta – um aspecto de grosso motim. Consta que ele laçou cimentos e varões de ferro. Já tenho medo de ficar aqui. (LIMA BARRETO, 2010, p. 133)

Na sequência, o escritor mescla o discurso delirante de Ferraz com suas interpretações sobre a maneira como Duque Estrada, agora identificado pelas iniciais, conseguiu “meios e modos” para fazer “esses escândalos todos”. Na sua interpretação, a ação tinha o “intuito de desacreditar alguma pessoa influente no hospício ou mesmo toda a diretoria”. Mas lendo a notícia do dia seguinte, certamente os leitores souberam da verdadeira razão da rebelião.

No final do texto publicado pelo *Correio da Manhã* havia a informação de que os “alienados delinquentes” ocupavam os mesmos pavilhões que os outros internos deixavam antever os motivos da revolta. “Vai ser apressada a construção de um manicômio criminal”, e continuavam:

“Como se sabe foi votada verba pelo Congresso para a criação de um manicômio destinado exclusivamente a alienados delinquentes, não tendo sido feitos até hoje os necessários estudos para a construção desse tão reclamado presídio. O dr. Alfredo Pinto, ministro da Justiça, a vista dos sucessos ontem no Hospital dos Alienados determinou que tal medida se tornasse realidade. Esse manicômio será instalado próximo à Casa de Correção”.

Dois dias depois, o mesmo *Correio da Manhã* explicitava ainda mais os conflitos que resultaram não apenas na revolta, mas as motivações que incitaram o Duque Estrada a encabeçar a revolta.

Certo, ninguém acha extraordinário que os loucos do Hospício se houvessem revoltado. Quem está doido vive sempre disposto à revolta...

O anormal é que eles pudessem fazer o que fizeram, precisamente dentro do edifício onde os recolheram para que com as suas revoltas não aborrecessem o resto da humanidade.

A esse respeito, é preciso assinalar que a culpa não cabe à direção do Hospício. Em vários e sucessivos relatórios, o Dr. Juliano Moreira tem pedido providências para o melhoramento das instalações daquela casa. Ele sempre insistiu particularmente na necessidade de dotar o estabelecimento de recursos capazes de isolar os loucos delinquentes. Como já acentuamos a resposta a esses constantes apelos foi a diminuição das verbas do Hospício (CORREIO DA MANHÃ, 30 jan. 1920).

Na nota sem importância publicada dois dias depois da notícia de sensação que ocupava boa parte da página três, o jornal tomava partido em favor da direção do Hospital dos Alienados que, sem sucesso, solicitava verbas para garantir a divisão entre graus de loucura. Os loucos delinquentes na visão da direção do manicômio deveriam ser isolados dos outros, loucos comuns.

O jornal era, portanto, escrito nesses textos de menor impacto editorial e gráfico, ou seja, em materialidades específicas, para outro leitor que não aqueles que viviam com os jornais debaixo do braço ou no delírio cotidiano repetindo as notícias que eram lidas.

Os conflitos políticos que resultavam nas condições precárias dos internos, também descritas por Lima Barreto, fazia parte do mundo da leitura de outros leitores: eram notícias destinadas ao Dr. Roxo, a Juliano Moreira, ao próprio ministro da Justiça, que não era apoiado pelo jornal, e a tantos outros mais diretamente envolvidos naquela luta de poder.

3.2 LENDO OS “CRIMES DE SENSACÃO”

No tempo em que Lima Barreto esteve internado no Hospital dos Alienados, quando de sua segunda passagem pelo hospício, muitos foram os chamados “crimes de sensação”, como se referiam os próprios jornais às notícias sobre tragédias cotidianas, que foram publicados.

Mas no seu *Diário* ele menciona explicitamente duas dessas notícias, certamente porque foram as que mais chamaram sua atenção, de tal forma que ficaram fixadas na sua memória, como algo que durou e que, assim, trouxe sensações que permitiram a ele acionar mecanismos de lembrança no momento em que escreveu o seu livro.

Todo texto, segundo Roger Chartier supõe um destinatário, uma leitura e uma eficácia. Para o autor, seria então necessário “relê-los sob esta perspectiva, detectando o modo como tem em conta as capacidades supostas dos seus destinatários imaginados” (1990, p. 223-224).

Assim, o material a ser analisado na perspectiva das práticas de leitura deve ser explorado não apenas pelo seu conteúdo documental e informativo, mas também tendo-se em conta as “formas de discurso codificadas e regulamentadas que aí são empregadas, os procedimentos retóricos de persuasão e de justificação que aí funcionam”. A essas marcas o autor ainda acrescenta os dispositivos tipográficos num sentido ampliado, isto é, a paginação e os “papéis desempenhados pela imagem”, ou seja, tudo aquilo que dá a ler e a ver um texto (CHARTIER, 1990, p. 224).

A primeira dessas notícias a que Lima Barreto se refere diz respeito a um crime ocorrido na rua da Lapa, no Rio de Janeiro. O *Correio da Manhã*, de 14 de janeiro de 1920, publicou com destaque a notícia, que descrevia em detalhes mais uma tragédia, que dessa vez envolvia “um oficial” que matara a tiros a esposa, porque essa se recusava a voltar para sua companhia.

A segunda notícia fazia referencia a um suicídio nas dependências do Hospital dos Alienados publicado três dias depois, sob o título de “Alucinação fatal”, no jornal *Gazeta de Notícias*. É a partir dessas duas notícias que procuramos interpretar as possibilidades leitoras, no sentido da apropriação crítica realizada pelo público. Como mero exercício interpretativo, baseado no pressuposto do acordo tácito entre produção textual e produção leitora, utilizaremos um alto grau de imaginação histórica na recuperação de um gesto passado que pouco deixou de inscrição.

QUE DESABA, NA BIAS BARRETO

tem feridas duas greças AS DO DESASTRE

Em sua hora da manhã, quando a um dos seus companheiros de trabalho, com um...

AVISO AO PUBLICO

Carvalho de Veneza 136 - Ouvidor - 136

Dentro das trevas

Um vigia atira e mata um protegido, no Engenho Novo

No caso, tudo era treva e silêncio. Todos dormiam. Lá pelas tantas, um ruído espalhou, como o adalar de um novo, fez despartir seu habitante...

A TRAGEDIA DA RUA DA LAPA

Um official, porque a esposa não quizesse voltar para a sua companhia, alvejou-a a firos de revolver.

A inditosa senhora, transportada para a Assistencia, falleceu poucos minutos após chegar ao Posto

Os antecedentes de um doloroso caso conjugal

DAS "CAFÉ"

DO CIMENTO, EXKOPRE, etc. — Beneficentes n. 1. 2.º andar. (1917)

ANCO E os malandros vão agindo...

Os ladrões e seus intrujões lesam a Companhia Commercial e Maritima

Um prejuizo de varios centos de reis

A rua Beneficentes, n. 1.º e 2.º, que faz fronteira com a Companhia Commercial e Maritima, tem sido alvo de constantes roubos...

O vulto de Bernar

Um vulto de Bernar

Um vulto de Bernar

O primeiro capitão

Um romance de amor

Foi na Rua Grande do Sul que se deu a conhecer ao mundo a figura de um homem...



Dr. Iracema Abreu, assassinada por seu marido, o tenente Arthur Guedes Abreu

Os antecedentes do assassinio

Temos informações fidedignas de que o tenente Arthur Guedes Abreu...

Falam-nos a sogra do tenente Abreu e viúvas

Sobre o crime, procuramos ouvir a mãe da vítima e as suas viúvas...

Dr. Iracema, pouco depois do fallecer na Assistencia

Um dos fillos de Dr. Iracema, que chegou da república...

A nova residencia de Dr. Iracema

Naqueste dia 11, nervosa, trêmula e grande angustia que lhe fazia...

Os que os navios do Lloyd gastaram durante o anno

A Contadoria do Lloyd enviou ao Sr. Alvaro de Faria...

CHARIOTOS DE HAVANA

Importação directa de chariots de Havana...

Construindo um criminoso

Falamos ao tenente Abreu, no momento de se dirigir ao estabelecimento...

Alguns retrahidos juntos

Alguns retrahidos juntos em uma das salas de manifestação em apoio do...

As declarações do cri

No cartorio da delegacia de 1.ª circumscriçao...

A casa da Rua da Lapa, onde se deu a tragedia

Uma casa de alugar, com um jardim e um pátio...

PELO INTERESSE DO PUBLICO

A Casa Vitor mantem na rua...

Inquerito do Laboratorio de Analyses Municipal

Para o fim de verificar o estado de conservação...

CHARIOTOS DE HAVANA

Importação directa de chariots de Havana...

Os que os navios do Lloyd gastaram durante o anno

A Contadoria do Lloyd enviou ao Sr. Alvaro de Faria...

ARENCO BRANCO PURO

Av. Rio Branco, 20. (1918)

As obras da linha das Cobras

O ministro da Marinha nomeou uma comissão para estudar os orçamentos...

Uruguaio

Uruguaio

Aracaju

Aracaju

Uruguaio

Uruguaio

Aracaju

Uruguaio

Uruguaio

Aracaju

Aracaju

Aracaju

Aracaju

Aracaju

Aracaju

Interessa ver nos textos as marcas a que Chartier (1989) se refere e que diz respeito a duas dimensões: as marcas inscritas no texto e aquelas que estão contidas nas suas materialidades como estratégias gráficas e editoriais.

No que diz respeito ao segundo aspecto (estratégias gráficas e editoriais presentes nas materialidades, isto é, nas páginas dos jornais), o periódico estabelece uma série de protocolos de leitura que começam exatamente pela ilustração da matéria. É necessário mostrar cenas que “dão a ver” a tragédia, como por exemplo, a foto da vítima, destacada tanto pelo recurso editorial no que diz respeito ao tratamento da imagem (o recorte e o ornamento do fio fechando o quadro) e ao completo textual (como o texto legenda “D. Iracema pouco depois de falecer na Assistência”).

É preciso também do ponto de vista editorial complementar o texto que resume muitos aspectos da “Tragédia da rua da Lapa” com diversas imagens que se referem às diversas marcações temporais presentes na notícia: a imagem da vítima, na qual esta aparece em toda a sua juventude (o passado); “a casa da rua da Lapa aonde se desenvolveu a tragédia”, com destaque para a aglomeração dos populares à porta indicando a curiosidade pelo acontecimento (o presente); e, finalmente, o corpo inerte da vítima com a cabeça enfaixada e o sangue escorrendo pela boca, mostrando o desfecho da trama já localizado no futuro.

A essas fotografias que na página contam uma história, com começo, meio e fim, a edição acrescenta outras marcas que indicam também um leitor presumido: o slogan da notícia (“A tragédia da rua da Lapa”), a manchete em negrito e sublinhada e os subtítulos, o primeiro em itálico e o segundo separado do anterior e do restante da notícia por fios.

A TRAGÉDIA DA RUA DA LAPA

Um oficial, porque a esposa não quisesse voltar para a sua companhia, alvejou-a a tiros de revólver

A inditosa senhora, transportada para a Assistência, faleceu poucos minutos após chegar ao Posto

Os antecedentes de um doloroso caso conjugal

O texto se distribui na página em blocos uniformes, que são precedidos invariavelmente por entretítulos que fornece em poucas palavras o desenrolar linear da trama: “o primeiro capítulo de um romance de amor”; “da primeira nuvem ao rompimento”; “a nova residência de d. Iracema”; “o reatamento e o crime”; “ferida gravemente d. Iracema morre na Assistência”; “conversando conosco o criminoso justifica o seu ato”; “os ferimentos”; “os antecedentes do assassino”; e, por último, “falam-nos a sogra do tenente Abreu e vizinhos”.

A notícia se distribui em quatro colunas que ocupam a página de alto a baixo. Os fios que separam cada coluna funcionam também como guia de leitura, indicando claramente para o leitor a forma como ele deve ler a notícia: do alto para baixo (saltando por cima das fotos, indicando instantes possíveis das pausas do texto) e da esquerda para a direita. Os entretítulos têm duas funções. Se por um lado resumem para o leitor apressado ou com dificuldades na leitura extensiva todo o drama, por outro indicam igualmente os momentos das pausas a serem impostas ao texto.

Nesse instante, o leitor pode comentar com outro a notícia, informar detalhes da tragédia, reconhecer lugares da cidade, emitir um juízo de valor, ficar ao lado da vítima ou ter simpatia pelo assassino. As brechas que são fornecidas pelos protocolos editoriais induzem a formas de leitura e, sobretudo, indicam uma expectativa presumida de leitor.

No que diz respeito ao texto propriamente dito observa-se também outros protocolos que presumem a existência do leitor esperado pelo redator da notícia e por todos aqueles que no jornal tinham igualmente uma expectativa de público (o repórter, o paginador, o chefe de redação, etc.).

Se a narrativa resume nos títulos e entretítulos toda a tragédia da rua da Lapa, o texto começa exatamente localizando o leitor: “Na sala da frente do prédio da rua da Lapa n. 19”.

Em seguida, a informação de que tinha se dado “ontem, à tarde, mais um crime passional”. A essas duas frases cuja intensão era situar o leitor no tempo e no espaço, seguem-se as digressões do autor do texto, tentando interpretar as razões que levaram o “oficial a alvejar a tiros de revolver” d. Iracema.

Foi o amor, foi a paixão, foi o desvario que armou o braço do assassino de sua própria esposa, ou o crime se deu por uma determinação fria, calculista de vingança por se ver justamente abandonado por aquela que a ligara o seu destino? É cedo, por ora, para concluir por uma dessas possibilidades. A luz completa só se fará no correr do inquérito, quando todos os factos forem esmiuçados para que a justiça decida serena e imparcial.

Nos parágrafos subsequentes há a reconstrução pormenorizada dos antecedentes do crime que incluem o leitor na cena da tragédia, mas ao mesmo tempo conta, em capítulos, aquela longa história, aproximando o texto informativo das marcas narrativas dos folhetins que faziam sucesso nos jornais diários como brechas ficcionais para o leitor.

Misturando estratégias narrativas dos textos de informação com os ficcionais, o jornal oferece ao leitor a possibilidade de interpretar a notícia a partir dos protocolos oferecidos também pelo mundo da ficção. A leitura da tragédia da rua da Lapa podia ser percebida como algo que de fato acontecera (afinal, as fotografias não deixavam dúvidas disso), mas também como mais uma página de um folhetim que povoava a imaginação dos leitores.

É assim que a notícia continua fazendo referência ao fato de se tratar de

O primeiro capítulo de um romance de amor

Foi no Rio Grande do Sul que o 1.º tenente do Exército Arthur Guedes de Abreu, então aluno da Escola Militar, conheceu uma rapariga insinuante, muito bonita mesmo nas suas quatorze primaveras, de um moreno jambo e de uns olhos travessos e grandes, prometedores de mil venturas. Arrojado, com a audácia

do seu temperamento ardente de moço, o aluno da Escola entrou a assediar a moça, a persegui-la, até que, ganhando a absoluta confiança dela, a tomou a seu cuidado, fazendo-a sua amante. (...)

A seguir, a notícia segue tentando imaginar cada momento anterior à tragédia e abre brechas imaginativas também para o leitor que partilha pelo ato de leitura o diálogo autoral com o redator responsável pela produção do texto. Se o redator pode imaginar o “temperamento ardente do moço” e a reação da moça diante da perseguição e do assédio, também ele leitor pode estabelecer margens interpretativas nos interstícios narrativos que o texto induz.

A última notícia que vamos utilizar como material empírico para tentar visualizar os modos de apropriação de uma parcela de leitores – aqueles que estão encarcerados no Hospício dos Alienados – diz respeito exatamente a um caso de suicídio que ocorreu nas dependências daquele manicômio.

Ao contrário da notícia analisada anteriormente, a Gazeta publicou uma pequena nota num lugar secundário da página para informar que um "enfermo" havia se suicidado no Hospício dos Alienados. O texto, em dois parágrafos, sem qualquer ilustração e editado no meio de outras tantas pequenas notas sob os mais diferentes assuntos, indica o lugar secundário que fora percebido para a sua divulgação. Entretanto, o título - "Alucinação fatal" - está submetido aos mesmos protocolos de leitura já analisados na notícia precedente.

GAZETA DE NOTÍCIAS — Sábado 17 de Janeiro de 1920

AES

ATO

Evangelista, Hermano, Soma

... (text continues)

— aquella que é FEIA, tendo podido evitar a FEALDADE, cometeu um FEIO peccado... —

Gravos - Cutis manchada - Pelle levantada

Desde 18 annos minha cutis começou a apparecer, manchada, levantando-se a pelle como empolva, e uma cutis invadida por todos. Recorri a todas as receitas que me indicaram, fiz massagens, usou creme de alface, papinho, banhos com leite e farelo, enfim, fiz tudo e sempre persistiu, os machos, os cravos e a pelle levantada sempre apparecia. Recebendo da American Beauty Academy, quizillo no qual se proclama a efficacia do Creme Polibol e continhandos para a hygiene da cutis, comecei a tratarme de accordo com a receita. Creme Polibol duas vezes ao dia, lavava o rosto com farinha de amendoas — não usou mais sabonetes nem qualquer outra materia poderosa. — No fim de alguns dias resultados obtidos eram tão satisfactorios que não queria acreditar, vi desaparecer os machos, a pelle tornou-se clara e liza, os cravos deprimidos e tratados com Polibol não doeraram, vestigios, formos, e cutis voltou a apparecer, quasi normal, e esplendida cutis que tinha de ser. **Paulo.**

Anella Rynaldi.

O Creme Polibol encontrou-se na casa Crashley & C. — Quilador 58, e nas principaes perfumarias do Brazil. Representantes da American Beauty Academy — Avenida Rio Branco, 11, e Andar, Rio de Janeiro.

(Gazeta) corte este coupon e remette a Sr. Repre- sentante da AMERICAN BEAUTY ACADEMY, AVE NOME RUA CIDADE ESTADO

Gazeta FOOT

... (text continues)

Trabalhadores lesados

Com vistas nos Srs. prefeito do Distrito Federal e Excmo. Sr. Dr. Julio Garcia

... (text continues)

O caso do vapor "Poconé"

Os peritos iniciaram hontem os trabalhos de vistoria

... (text continues)

Brigada Policial

ASSISTENCIA DO PESSOAL

... (text continues)

Alucinação fatal!

Um enfermo suicida-se, no Hospício de Alienados

... (text continues)

Depois do baile...

O Apolinario foi esmalhado, quando dormia

... (text continues)

Com os dedos esmagados

... (text continues)



FIGURA 5 – GAZETA DE NOTÍCIAS, 17 jan. 1920.

Não basta informar – “Um enfermo suicida-se no Hospício dos Alienados” – era preciso dizer que o gesto revelava a “Alucinação fatal”, criando uma expectativa no leitor para desvendar o que significava aquele título. Assim, num gesto subsequente, o leitor continuaria a leitura e descobriria, não apenas se tratar de um louco suicida nas dependências do manicômio de Botafogo, mas outros detalhes que contavam de maneira linear toda a trama sensacional.

O próprio pai levava-o em busca de melhoras na tarde de anteontem, para o Hospício Nacional de Alienados. O enfermo era o nacional Ernani da Costa Couto, de 22 anos, solteiro e empregado no comercio. Residia com seus progenitores, Jose de Figueiredo Couto e Maria da Costa Couto numa casa sem numero da rua Marcilio, na estação do Engenho de Dentro. Ernani, ultimamente dava mostras de uma enfermidade mental. A um insulto mais forte, fora resolvida a sua internação no manicômio. Esta se fez.

Depois de particularizar o nome, a idade, o estado civil e a sua ocupação, de forma a fornecer para o leitor um retrato o mais fiel possível à caracterização do personagem da notícia, detalham o nome de seus pais, a casa onde vivia, o nome da rua e o bairro. Detalhes que serviam ao leitor para localizar e, ao mesmo tempo, se localizar na trama. Afinal, podia ele também ser um morador da estação do Engenho de Dentro e, quem sabe, teria alguma vez visto Ernani no seu delírio cotidiano.

Embora no texto não fique claro a razão da internação – “A um insulto mais forte, fora resolvida a sua internação no manicômio” – o texto segue detalhando o lugar aonde Ernani ficou no Hospital dos Alienados.

O enfermo lá ficou e, como é de praxe na casa, foi colocado no pavilhão de observação, sendo-lhe destinado um leito entre os dos outros enfermos, para ali passar a noite.

Em seguida, construindo o clímax do acontecimento descreve com minúcias o que aconteceu “cerca de 11 horas da noite”: gritos de terror que

partiam do pavilhão, correria em direção à cena da tragédia e, finalmente, a imagem do “desgraçado Ernani, que preso a um lençol, em forma de nó corredio, dependurara-se a um dos travões da porta”.

Poucos instantes depois, porém, cerca de 11 horas da noite, ainda de anteontem, gritos de terror foram ouvidos, partidos do aludido pavilhão. Aqueles que para ali correram foram deparar com o desgraçado Ernani, que, preso a um lençol, em fôrma de nó corredio, dependurara-se a um dos travões da porta. O tresloucado, com aquela peça de roupa, iludindo a vigilância dos guardas, preparara seu instrumento de suplício.

Os pormenores da cena narrados a partir das sensações que o suicídio provocara – os gritos, a correria, a imagem de uma pessoa pendendo do teto morta – permitem supor que a sua leitura provocava não apenas a possibilidade de o leitor ver novamente a cena, tal a quantidade de pormenores de sua descrição (o lençol, o formato do nó, os travões da porta), como também imaginar Ernani morto. A notícia apelava às sensações e, assim, permitia a produção de imagens sínteses pelos próprios leitores ao acionar a sua própria imaginação.

Apesar dos esforços, continuava o texto, foi inútil, Ernani acometido da “Alucinação” que lhe fora fatal veio a falecer.

Logo, sem perda de tempo, foi ele, que ainda vivia, tirado do laço maldito, acudindo os médicos de plantão no estabelecimento, que todos os recursos empregaram para salvá-lo. Foi tudo inútil. Momentos depois Ernani expirava.

Conhecido o fato pela direção do Hospício, foi ele comunicado na manhã de ontem, a delegacia do 7º distrito, seguindo para o local o comissário que ali estava de serviço, que providenciou sobre a remoção do cadáver para o necrotério da policia. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 17 jan. 1920).

As perguntas que poderíamos fazer é se os loucos do Hospital dos Alienados leram essa notícia e, sobretudo, que sentimentos provocaram as descrições em muitos deles.

Lima Barreto certamente a leu. Afinal ele era leitor voraz dos jornais diários e, talvez, outros a tenham escutado pela partilha leitora que o escritor proporcionava. Mas jamais saberemos.

Entretanto, podemos presumir interpretações e sentimentos que esta notícia provocou no Hospital dos Alienados naquele janeiro de 1920. Afinal ela se referia a um que era igual a eles. A um Ernani que, como eles, vivia o delírio que podia se transformar em “insulto forte”. Eles, como Ernani, também numa dessas crises foram levados para o mesmo Pavilhão.

Mas não era só isso. A proximidade da tragédia provocou certamente muitas curiosidades. Alguns gostariam de ver detalhes do que “realmente teria acontecido” e, que certamente, faria parte das descrições do jornal no dia seguinte. Quem era afinal o suicida do Pavilhão de Observação. Como se deu o suicídio. Por que meios. E, sobretudo, o que levava ele ao gesto extremo.

Para essa última pergunta, nenhum deles obteve resposta. No jornal foi desvendado o nome do suicida, onde morava, o que fazia, quantos anos tinha, quem eram seus pais. Ficou claro também que os atos considerados fora de um padrão presumido de normalidade o levaram a ser internado. Colocado à margem do mundo naquele ambiente de delírios sem fim. Mas ninguém jamais saberá por que Ernani tomou dos lençóis numa noite quente de janeiro de 1920 e fez com ele uma corda, passando-a pelo pescoço e deixando seu corpo cair no vazio.

4. CONCLUSÃO

Quando iniciamos esta dissertação sequer tínhamos um tema definido. A loucura era parte de um cotidiano de muitas incertezas e incontáveis momentos de tristeza. Muitos problemas foram sendo acrescentados num percurso atribulado, mas ao final produzimos uma reflexão parcial que coloca em destaque uma questão que consideramos central: muitos são os leitores e muitas são suas práticas. E, sobretudo, os loucos também representam um grupo de leitores, com peculiaridades, características próprias, no passado, no tempo presente e em qualquer tempo. Lima Barreto, através das memórias do *Diário do Hospício*, nos revelou a dinâmica do processo de leitura, tornando possível, assim, perceber e interpretar as práticas de leitura dos loucos. Ele deu voz e visibilidade para as possibilidades de leitura dos encarcerados.

Nas marcas do seu texto e na sua escrita, nós como leitores, interpretamos as mensagens, visualizamos os sinais. Ele deixou escrito e registrado os caminhos da leitura daquela época e daquele grupo especial.

Ainda que fossem leitores diferentes, uns dos outros, há em comum entre eles o espaço de partilha onde produziam as leituras, sempre plurais: o delírio cotidiano, certamente, condicionava não apenas os modos de ler, mas as interpretações que podiam ser realizadas a partir daquele mundo tão particular.

As maneiras como realizavam as leituras dos jornais e livros – aos gritos pelos corredores, silenciosamente na biblioteca, debruçados na janela (o que nos leva a pensar nas paradas do texto para procurar nas paisagens que eram vistas possibilidade de o pensamento construir outras interpretações), tentando se apossar dos jornais que já eram objetos da leitura de um outro ou ainda partilhando com outros internos a leitura de um mesmo periódico – mostram, por outro lado, que mesmo os loucos estabelecem relações diversas e múltiplas com os textos que lhes caem às mãos.

As materialidades dos objetos da leitura, como também observamos nessa pesquisa, promovem possibilidades e atos de leitura de diversas natureza. O livro pelo seu formato e pelos protocolos de leitura estabelecidos previamente pressupõe uma ação silenciosa, com o livro tomado nas mãos e cuidadosamente depositado no colo ou sobre uma mesa destinada especificamente à leitura. Por outro lado, o gesto leitor da virada da página, da continuidade da leitura até a próxima parada (um novo capítulo, por exemplo) é construído também na dependência da materialidade (o formato livro), e tem influência decisiva na configuração de um pensamento linear e cumulativo.

Já o jornal, no formato standard, adotado pela maioria dos periódicos diários do país naquela década, impõe lugares de leitura mais despojados, nos quais o leitor possa, com tranquilidade, abrir as suas páginas e, ao mesmo tempo, seguir linearmente do início ao fim a mesma notícia. Como vimos, nos capítulos anteriores, as adoções de fórmulas editoriais, como fios, funcionavam como guias de leitura para que o público pudesse seguir linearmente uma mesma notícia do início ao fim.

Mas o formato dos jornais também possibilitava a partilha, mesmo as não autorizadas, de um mesmo exemplar. No banco do jardim, o leitor ao abrir o jornal o oferecia, ao mesmo tempo, ao olhar sorrateiro que por sobre seus ombros ou ao seu lado podia ler num lançar de olhos as manchetes que na década de 1920 tomavam as páginas dos jornais mais populares, como era o caso do *Correio da Manhã* ou da *Gazeta de Notícias*.

Por outro lado, o protocolo de leitura estabelecido a partir do formato jornal, como por exemplo, a distribuição de notícias nas páginas, tendo também como pressuposto de sua importância a localização (já na década de 1920, a página três era a mais valorizada do interior do jornal), permite que a leitura se estabeleça tendo como pressuposto o fato de ser entrecortada. Ou seja, a edição do jornal é construída para que o número possa ser lido paulatinamente ou para que o leitor escolha deliberadamente o que deseja ler e aquilo que ali deseja esquecer.

Mas muitos dos loucos descritos por Lima Barreto, não conseguiam seguir esses protocolos e “liam de cabo a rabo a Gazeta de Notícias”, numa ação em que a própria leitura se tornava delírio. Outro interno também catava nos banheiros fétidos do hospício “pedaços emporcalhados dos jornais” para ler com sofreguidão as notas sensacionais.

Além de tudo isso, chamou atenção nas marcas deixadas por Lima Barreto indicando os usos que os loucos do Hospício dos Alienados faziam dos periódicos, o que podemos denominar como usos desviantes. Esse era o caso do interno que não se cansava de colecionar pedaços velhos de jornal. Para ele, o *Correio da Manhã*, a *Gazeta de Notícias*, *A Noite* e tantos outros não eram jornais no sentido pleno da palavra, mas objeto de uma coleção a que atribuía todo um significado particular. Podia ali ver imagens que só existiam na sua mente delirante, podia ali enxergar não pedaços velhos de papéis, mas peças de um tesouro cuidadosamente guardado e ao qual acrescentava sempre novas peças³³.

As muitas formas de loucura e o trânsito como especifica Lima Barreto entre instantes de loucura e “momentos de verdadeira e completa lucidez” (2010, p. 73) nos levou, por último, ao exercício interpretativo de tentar desvendar as diversas maneiras como aqueles personagens singulares se apropriavam das notícias que eram comentadas no turbilhão das sensações que provocavam.

Descobrir a partir de Lima Barreto que os jornais foram proibidos no Hospício dos Alienados em função da rebelião que lá ocorreu em 27 de janeiro de 1920, nos levou a pensar que mesmo para os loucos as leituras dos jornais permitiam o estabelecimento de elos com o mundo longe do manicômio. Se houvera a proibição, para que eles não tomassem conhecimento do que os periódicos falavam sobre a revolta, era porque muitos deles percebiam as

³³ São marcantes as transformações urbanas por que passa o Rio de Janeiro nos anos 1920. O crescimento demográfico na década foi da ordem de 28% e o número de prédios e domicílios da cidade cresceu 37%. Entretanto, poucos eram os jornais que conseguiam tiragens superiores a 10 mil exemplares. Esse era o caso do *Correio da Manhã* e do jornal *A Noite* (BARBOSA, 2007, p. 85).

notícias como descrições do que acontecia no mundo. E, portanto, podiam em instantes fugazes demandar dos jornais uma leitura que permitia a eles contato com um mundo que fora perdido nos delírios da loucura.

A observação de Alberto Manguel (2001, p. 21) de que os livros dão ao leitor um “lar permanente”, e um lar que pode ser “habitado exatamente como queria, a qualquer momento, por mais estranho que fosse o quarto (...) ou por mais ininteligíveis que fosse as vozes” que se escutava do lado de fora da porta induz a reflexão sobre as possibilidades imaginativas da leitura.

Vivendo o mundo do delírio em que a realidade presumida era sempre ultrapassada por formas imaginativas do mundo, podemos concluir que a leitura construía para os loucos leitores sobre a imaginação primeira um novo espaço imaginativo. Era como se estivesse sendo construída pela leitura uma dupla imaginação.

Por outro lado, a referência também do escritor a dois casos que passaram a ser objeto de múltiplos comentários na cidade – o primeiro mais uma tragédia passional, mas o segundo com a peculiaridade de falar de um deles (ou seja, um louco como eles) – permitiu uma reflexão que, de certa forma, extrapolou a questão interpretativa baseada em pressupostos metodológicos e nos levou em direção à interpretação imaginativa do passado.

Ainda que, considerando, tal como Barbosa (2007), que os leitores estão inscritos nos textos objetos de sua leitura, como interpretar o que eles perceberam da notícia que descrevia o assassinato de uma mulher pelo marido enciumado? Ou ainda como leram e como interpretaram o fato de um como eles – louco no mesmo lugar e num pavilhão aonde todos também estiveram ao entrar no hospício - ter sucumbido no delírio fatal e provocado a sua própria morte?

As respostas que procuramos dar a essas duas questões são muito mais exercícios imaginativos do pesquisador, do que pode ser considerada uma interpretação baseada em parâmetros científicos reconhecidos. Mas como tivemos como pressuposto central durante toda a pesquisa estar nela incluída – desde a escolha do tema até a forma como iniciei o texto e caminhei, por vezes

com muitas dificuldades, em direção a sua composição final – também nesse exercício fizemos de uma interpretação baseada em pressupostos pessoais a possibilidade de dar sentido a um mundo distante e passado.

O percurso que escolhemos permitiu que mapeássemos os loucos leitores citados por Lima Barreto, suas características, diagnósticos e peculiaridades. Destacamos o envolvimento dos loucos com a leitura, tendo como referência o escritor. Com ele e a partir dele, as práticas de leitura descritas no *Diário do Hospício* foram exploradas e interpretadas.

E, por fim, a partir da base teórica desenvolvida por Roger Chartier, em especial, no livro *Práticas da leitura* (2011), procuramos mostrar as materialidades das leituras, os gestos dos loucos leitores e interpretar as possíveis apropriações que faziam daqueles textos a partir das marcas que ficaram inscritas no “Diário do Hospício” e também nas notícias que certamente foram lidas de muitas maneiras. Depois de particular os loucos leitores, procuramos a partir de uma chave hermenêutica interpretativa identificar as leituras, ou melhor, as práticas de leitura desses personagens, alguns anônimos, outros parcialmente identificados e outros tantos minuciosamente descritos por Lima Barreto.

Gostaria de terminar esta conclusão com um texto de Lima Barreto em que, embora reconheça a multiplicidade de personagens imersos na loucura que estavam ali ao seu lado, percebe também algo que une todos eles.

Que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem absolutamente uma impressão geral dela. Há, como em todas as manifestações da natureza, indivíduos, casos individuais, mas não há ou não se percebe entre eles uma relação de parentesco muito forte. Não há espécies, não há raças de loucos: há loucos só. (LIMA BARRETO, 2010, p.67)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. Asilos, alienados e alienistas: pequena história da psiquiatria no Brasil. In: _____. **Psiquiatria e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010.

_____. **O homem e a serpente**: outras histórias para a loucura e a psiquiatria. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.

_____. (Coord.). **Loucos pela vida**: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1995.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**, Fifth Edition. Arlington, VA, American Psychiatric Association, 2013. Web. [access date: 1 June 2013]. dsm.psychiatryonline.org

ARANTES, Marco Antônio. Estranhos interiores: a loucura em triste fim de Policarpo Quaresma. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 13, n. 4, dez. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400026&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 ago. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000400026>.

_____. Hospício de Doutores. **Hist. Cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, n. 1, março de 2008. Disponível a partir do <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 de maio de 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702008000100004>.

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Geração, 2013.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

BARBOSA, Marialva Carlos. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

_____. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. História e modos de comunicação do século XIX: Leituras (e escrita) dos escravos brasileiros. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. **Anais...** . Recife: Intercom, 2011. p. 1 - 15.

Disponível: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0994-1.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2014.

_____. Imprensa, Poder e Público: os diários do Rio de Janeiro (1880 - 1920). **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, 20, jun. 2012. Disponível:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/945>>. Acesso em: 25 Jun. 2014.

_____. Jornalismo popular e o sensacionalismo. **Verso e Reverso**, v. 18, n. 39, p. 1 - 8, 2004.

_____. **Percursos do olhar**: comunicação, narrativa e memória. Niterói: EdUFF, 2007a.

BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Comunicação e história: um entre-lugar. In: **Comunicação e história**: partilhas teóricas. Florianópolis: Insular, 2011.

BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em Memórias do cárcere. In: _____ . **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 221-237.

CANDAU, Joel. **Mémoire et identité**. Paris: PUF, 1998.

CASTEL, R. **A ordem psiquiátrica**: a idade de ouro do alienismo. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. **Inscriver e apagar**: cultura escrita e literatura. São Paulo: UNESP, 2007.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2004.

CHARTIER, Roger (dir.) **Práticas da leitura**. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

COSTA, Jurandir F. **História da psiquiatria no Brasil**: um corte ideológico. 4. ed. Rio de Janeiro: Venou, 1989.

ENGEL, Magali G. **Os delírios da razão**: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

FACCHINETTI, Cristiana; RIBEIRO, Andrea; CHAGAS, Daiana Crús; REIS, Cristiane Sá. No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. **Hist. cienc. Saúde -Manguinhos** [online]. 2010, vol.17, suppl.2, pp. 733-768.

FACCHINETTI, Cristiana; VENANCIO, Ana Teresa A.. Entre a psicanálise e a degenerescência: sexualidade e doença mental no início do século XX no Brasil. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental** [On-line] 2006, IX (Marzo): [Data de consulta: 24 / junio / 2014] Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017581012>> ISSN 1415-4714

FERREIRA, Daniella; BUENO, André Luiz de Lima (Orient.). **O cotidiano da loucura asilada**: Lima Barreto presencia o cemitério dos vivos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. **Microfísica do poder**. 24. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____. **Vigiar e punir**. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREITAS, Fernando Ferreira Pinto de. A História da psiquiatria não contada por Foucault. **Hist. Cienc. saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.11, n. 1, abr. 2004. Disponível a partir do <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702004000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 de julho de 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702004000100005>.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GONÇALVES, Márcio Souza; MONTEIRO, Júlio Altieri; ROCHA, Renan Lúcio S. da. Por Que Lemos Como Lemos?: A Causalidade na Comunicação Textual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. **Anais....** Recife: Intercom, 2011.p.1-15. Disponível:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2003-1.pdf>>.

Acesso em: 11 abr. 2014.

GUIMARÃES, Valéria. Sensacionalismo e modernidade na imprensa brasileira no início do século XX. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 11, n. 18, p. 227-240, jan.-jun. 2009.

HALBWACHS, Maurice (1925). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HAVELOCK, Eric. *La musa aprende a escribir*. Barcelona: Paidós, 1996.

HIDALGO, Luciana. *Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto*. 2. ed. [rev. e ampl.]. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

_____. *Literatura da urgência: Lima Barreto no domínio da loucura*. São Paulo: Annablume, 2008.

HUYSSSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Artyplano, 2001.

INOCENCIO, Monique Lopes; ALVES, Luis Alberto Nogueira (Orient.). *Tensões sociais refletidas em Factus e em Fictus: visitando alguns escritos pessoais de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

JODELET, D. *Loucuras e representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2005.

LAZA, Monique. *A Escrita e a Loucura*. Lisboa: Estampa, 1990.

LIMA BARRETO. *Diário do hospício*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

_____. *O cemitério dos vivos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Planeta do Brasil/Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

_____. *Obras completas*. São Paulo: Brasiliense, 1956. 17 v.

_____. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Ática, 2002.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MENDES, Nádia Garcia; SOUZA, Ronaldes de Melo e (Orient.). **Desatino: o poético dos loucos rosianos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

MILLS, Charles W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Org.). **A reforma psiquiátrica brasileira e a política de saúde mental**. 2014. Disponível em: <<http://www.ccs.saude.gov.br/vpc/reforma.html>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

PADUA, Elza. **Esquizofrenia social: ensaio sobre a ética da sobrevivência**. Porto Alegre: Zouk, 2006.

PALMEIRA, Leonardo Figueiredo; GERALDES, Maria Thereza de; BEZERRA, Ana Beatriz Costa. **Entendendo a esquizofrenia: como a família pode ajudar no tratamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2013.

PERRUSI, Artur. **Imagens da loucura: representação social da doença mental na psiquiatria**. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1995.

PESSOTI, Isaías. **A loucura e as épocas**. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. **Os nomes da loucura**. São Paulo: Ed 34, 1999.

_____. **O século dos manicômios**. São Paulo: Ed 34, 1996.

PINEL, Philippe. **Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania**. Tradução de Joice A. Galli. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RACHMAN, Sergio; LOTUFO NETO, Francisco. A psiquiatria na época de Lima Barreto. In: MOTA, André; MARINHO, Marília Gabriela S. M. C. (Org.). **História da psiquiatria: ciência, práticas e tecnologias de uma especialidade médica**. São Paulo: USP, 2012. p. 125-141. (Medicina, saúde e história).

RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.

_____. Mundo do texto e mundo do leitor. In: RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1997. Cap. 4. p. 273-314.

RODRIGUES, Karine Sá Antunes; PENNA, João Camillo (Orient.). **O poder na casa de loucos: Lima Barreto testemunha o cemitério dos vivos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Dicionário Biográfico da Psiquiatria no Brasil**. Disponível em: <http://bvsmms-Bancos.saude.bvs.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/psi/>. Acesso em: 6 ago. 2010.

SANTOS, Frederico Costa dos; THIESEN, Icléia (Orient.). **Hospício Nacional de Alienados (1890-1930): relações de poder e memória coletiva no espaço asilar. A experiência de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: UNIRio, 2010.

SANTOS, Nádía M. W. **Histórias de sensibilidades**: espaços e narrativas da loucura em três tempos (Brasil,1905/1920/1937). Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Porto Alegre, 2005.

_____. **Narrativas da loucura e histórias de sensibilidades**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914. **Sociologia & Antropologia**, v. 1, n. 1, p.119 - 150, 2011.

SOUSA, Wanély Aires de. **Autobiografia e ficcionalidade em O Diário do Hospício e O Cemitério dos Vivos**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2012.

_____. A modernidade de o cemitério dos vivos, enquanto voz da Loucura. **Revista CEPPG - CESUC - Centro de Ensino Superior de Catalão**, v. 14, n. 25, p.27-43, 2011.

SPANNENBERG, Ana Cristina. O leitor das páginas policiais: Notas sobre as estratégias de construção da recepção nos jornais impressos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. **Anais...**. Fortaleza: Intercom, 2012. p. 1 - 15. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0707-1.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2014.

YASUI, Silvio. **Rupturas e encontros**: desafios da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010.

JORNAIS

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro) (Org.). **Hemeroteca Digital Brasileira**. 2014. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 09 set. 2014.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 10 nov. 1919. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 13 set. 2014.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 01 jan. 1920. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 13 set. 2014.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 09 jan. 1920. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 13 set. 2014.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 14 jan. 1920. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 13 set. 2014.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 14 jan. 1920. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 13 set. 2014.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 28 jan. 1920. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 13 set. 2014.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 05 dez. 1919. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 10 set. 2014.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 24 dez. 1919. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 10 set. 2014.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 02 jan. 1920. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 10 set. 2014.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 05 jan. 1920. Disponível em:
<<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 10 set. 2014.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 08 jan. 1920. Disponível em:
<<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 10 set. 2014.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 17 jan. 1920. Disponível em:
<<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 10 set. 2014.

ANEXOS



LIMA Barreto. [S.l.: s.n.], [19--?]. 1 reprodu., p&b, 8,1 x 5,4 cm em papel 14,6 x 11,4 cm (1a); em papel 14,5 x 11,4 cm (1b). Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon247953/icon247953.jpg>. Acesso em: 4 out. 2014.

INSTITUTO DE NEUROPATHOLOGIA

Nome *Affonso H. de Lima Barreto*
 Sexo *masculino* Idade *38 annos*
 Nacionalidade *brasileira* Estado civil *solteiro*
 Profissão *jornalista*
 Nacionalidade _____

Entrada *em 25 de Dezembro de 1918*
 Admissão *transferido em 16 de Dezembro de 1919*
 Motivo *_____* Causa mortis *_____*

Diagnostico *Alcoolismo*

Nº de *2ª* entrada _____
 Deu-se a primeira em *18 de Agosto* de *1914*, tendo observação no livro n. *161* pag. *315*
 A ultima entrada foi em _____ de _____ de *19* _____

OBSERVAÇÃO — Estado actual do doente _____

Fonte: Biblioteca do IPUB – UFRJ



Fonte: Brasil, MJNI, 1904-1905





Fonte: Acervo do IPHAN, Inventário





Fonte: Acervo do IPHAN, Inventário



Fonte: Acervo do IPHAN, Inventário

